

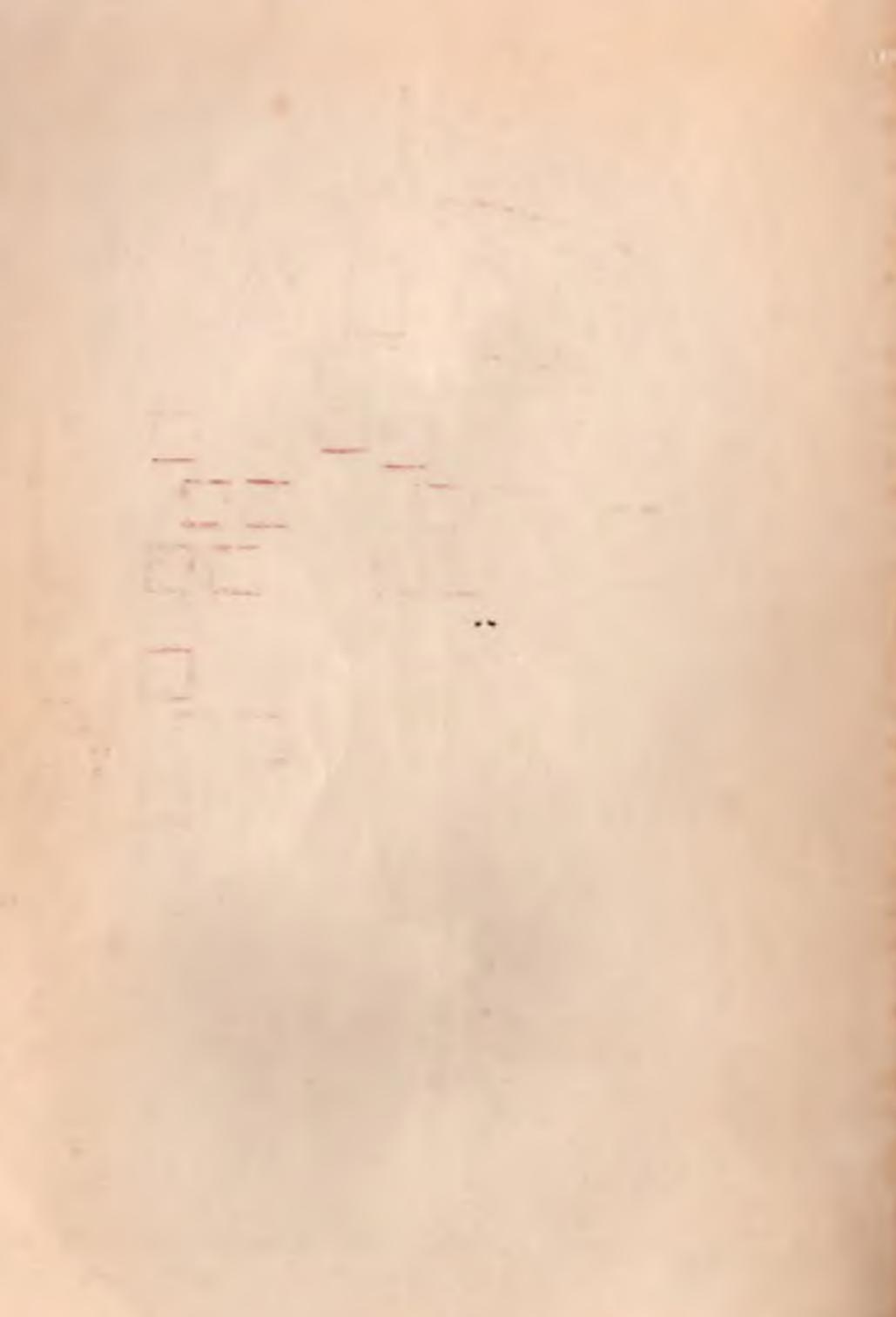
INSTITUTO
DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA



a nona

história

por Sora Mauricia Privat n.s.c.m.





A NOSSA HISTÓRIA

INSTITUTO DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

BIBLIOTECA DAS "FONTES"
R S C M
PROVINCIA BRASILEIRA

T R A D U Ç Ã O

de

Maria do Céu Quinteiro e
M. Manuela Tinoco de Faria



A HISTÓRIA NA SUA ORIGEM

Antoine Pierre Jean Gailhac nasceu em Béziers, na rua Puits de la Courte a 13 de Novembro de 1802, às seis horas.

Um dos seus sobrinhos, Me. Victor Vidal, falecido em Setembro de 1952, forneceu-nos elementos sobre a casa natal do Pe. Gailhac que também lhe serviu de berço.

Ao fundo da rua, três edifícios. Um à esquerda, encostado à igreja de St. Aphrodise, perpendicular aos outros dois, servia de estrebaria. O segundo e o terceiro estão no mesmo plano. O segundo é a casa onde nasceu o Pe. Gailhac, composto por um rés-do-chão e dois andares. O terceiro, apresentando vestígios de uma antiga capela, funcionava como alpendre.

Estas construções foram herdadas pelo pai do nosso Fundador. O avô, François Ignace tinha-as comprado à cidade de Béziers e a Louis Lapeyre como o testemunham dois processos verbais de adjudicação levantados pelo Director do Distrito de Béziers, a 9 e a 10 de Fevereiro de 1792.

No rés-do-chão da casa natal do Pe. Gailhac ficava à esquerda, a cozinha; à direita, a porta da sala de jantar, hoje (1952) tapada. No primeiro andar, à direita, o quarto dos pais de Me. Victor Vidal, quarto onde ele próprio nasceu e onde, provavelmente, nasceu Antoine Pierre Jean Gailhac. Ainda no primeiro andar, a divisão do meio era ocupada por uma empregada, a da esquerda era o quarto dos filhos. No segundo andar, por cima do quarto dos pais, o gabinete de trabalho do Pe. Gailhac, com uma janela para a frente da casa, atrás, um recanto que servia de quarto de dormir.

Nos termos de um acto de doação-partilha, feita por Me. Donnadiou, notário em Béziers, em 14 de Fevereiro de 1846, o Pe. Gailhac reservou para si, a partir desse dia, mas somente até à morte dos pais, este segundo andar da casa paterna. Além disso, conservou ainda o usufruto de toda a casa apenas durante um ano, após o falecimento do último dos seus progenitores.

Estes três edifícios já não pertencem à comunidade do Sagrado Coração de Maria (1970).

ANTOINE GAILHAC, PAI DO PADRE GAILHAC

O pai de Antoine Pierre Jean Gailhac chamava-se Antoine Joseph e nasceu a 14 de Dezembro de 1775. Era filho legítimo de François Ignace e de Marie Rouch. Foi baptizado a 17 de Dezembro de 1775 na igreja de St. Félix. (O mercado actual 1972 ocupa, desde há muito tempo, o local onde existia esta igreja). Morreu a 12 de Janeiro de 1866, com noventa e um anos de idade.

JEANNE CROUZILHAC, MÃE DO PADRE GAILHAC

A mãe do nosso Fundador, Jeanne Elisabeth Crouzilhac, era filha de Jean Crouzilhac e de Marie-Anne Guy. Nasceu a 20 de Maio de 1778 e foi baptizada na igreja de St. Félix em 24 de Maio de 1778. Morreu a 25 de Novembro de 1863 com oitenta e cinco anos.

CASAMENTO DOS PAIS DE JEAN GAILHAC

O casamento de Antoine Joseph Gailhac, com vinte e dois anos e de Jeanne Elisabeth Crouzilhac, com vinte, foi registado na Conservatória do Registo Civil de Béziers no dia 19 de Fevereiro de 1789. As consequências da revolução de 1789 retardaram a cerimónia religiosa até 29 de Dezembro de 1823, por falta de sacerdotes.

PADRE GAILHAC E SEUS IRMÃOS

Jean Gailhac, segundo filho de Antoine Joseph Gailhac e de Jeanne Crouzilhac foi precedido por uma irmã e seguido por três irmãos e duas irmãs.

1 - Marie-Anne Jeanne Elisabeth

nascida a 6/12/1799

casada a 25/11/1822 com Joseph Lapeyre

falecida a 9/4/1888, com oitenta e nove anos. → 88-1011

- 2 - Antoine Pierre Jean
- 3 - François Ignace Victor
nascido a 17/9/1859 → 1805
casado a 26/6/1843 com Esprite Rose Adèle Salèles
falecido a 18/5/1874, com sesenta e oito anos.
19/21/1874
- 4 - Pierre Antoine
nascido a 19/1/1809
falecido a 20/5/1811, com dezasseis meses
- 5 - Elisabeth Marie Anne
nascida a 9/11/ 1881 → 1811
casada a 23/1/1832, com Jean Pierre Adrien Lognos
falecida a 17/10/1898, com oitenta e sete anos.
- 6 - Anne Louise
nascida a 25/10/1814
casada a 25/6/1841, com François Granié
falecida a 9/3/1891, com setente e sete anos. 76

Nasceu uma criança deste casal chamada Francille, que veio a ser mais tarde a Madre St. Eugène RSCM.

- 7 - Pierre Antoine
nascido a 6/2/1819
falecido a 3/4/1825, com seis anos.

BAPTISMO

Antoine Pierre Jean Gailhac foi baptizado a 14 de Novembro de 1802, na igreja de St. Aphrodise. Não se sabe se o baptismo foi administrado pelo Pe. Martin ou pelo senhor Vernet, que fazia serviço na igreja e que assinou a acta. Na acta do baptismo lê-se Jean Pierre Antoine.

IGREJA DE ST.APHRODISE

A igreja de St. Aphrodise, paróquia do nosso Fundador, é considerada pelos "Biterrois" (habitantes de Béziers, do latim "Biterro" antigo nome de Béziers), como berço da sua fé.

Em 356 realizou-se o Concílio de Béziers tendo por fim o triunfo do areanismo. Os Bispos reuniram-se em St. Aphrodise. St. Hilaire lutou corajosamente, em nome dos Bispos fiéis, mas em vão, para fazer triunfar a verdade católica. No séc. VIII, a igreja de St. Aphrodise perdeu o seu título episcopal em proveito de St. Nazaire. Durante a revolução de 1789, em 1793, converteu-se em Monumento Nacional. Foi reaberta ao culto em 26 de Abril de 1801 e benzida por Mr. Joseph Barbier, beneficiado da Catedral. A 8 de Setembro de 1801, foi administrado o primeiro baptismo a Antoine Adrien Rodes. Houve outros baptismos, entre eles o de Jean Pierre Antoine Gailhac, inscrito em 1649 lugar.

AMBIENTE FAMILIAR

O Pe. Maynard disse-nos que Jean Gailhac era oriundo de "uma família das mais antigas e opulentas de Béziers". Os seus avós, possuidores de casas e de propriedades agrícolas, em Béziers, venderam-nas para educar os filhos. A revolução de 1789 e consequentemente a desvalorização do papel-moeda arruinou-os. A acta de casamento dos pais de Jean Gailhac diz que seu pai era carroceiro. A presença do vasto alpendre ao lado da casa paterna poderia ser prova disso.

Como quer que seja, Antoine Joseph Gailhac devia ser um homem recto, porque todos os filhos o honraram com a sua conduta. A mãe de Jean Gailhac era uma mulher de fé. Ouvia-se-lhe muitas vezes dizer: "Como Deus quiser o que Ele quiser e enquanto Ele quiser." Mais tarde, Pe. Gailhac escreverá, lembrando-se provavelmente do seu lar, "nesse tempo fazia-se em família a oração da manhã e da noite. Nas conversas havia sempre lugar para algumas palavras reveladoras de uma fé viva."

A caridade da mãe de Jean Gailhac era fruto desta

fe. Devemos acrescentar que era uma mulher inteligente, cheia de vida e actividade.

INFÂNCIA DE JEAN GAILHAC

Encontravam-se em Jean Gailhac muitos traços do caracter de sua mãe, que ele amava com ternura.

Aos sete anos, já ele gostava de ajudar à missa, e às cinco horas da manhã!.. Que força de vontade a desta criança! Pouco inclinado a jogos barulhentos, deliciava-se a imitar as cerimônias religiosas. Habilidoso como era, com papeis coloridos confeccionou paramentos sacerdotais, e servindo-se duma pequena mesa como altar, rodeado de crianças da sua idade, o celebrante em potência, o futuro pregador oficiava com uma seriedade que se impunha à sua assistência.

Entre os ouvintes do pequeno oficiante encontrava-se Eugène Cure, originário de Autignac, que viria a ser com Jean, aluno do Colégio Henri IV. Pensionista numa casa vizinha da família dos Gailhac contraiu profunda amizade com o seu companheiro. Amizade indefectível. Amizade que mais tarde também partilhou a senhora Cure-Pélissier. Amizade traduzida em donativos magníficos que vieram ajudar as obras do Pe. Gailhac, especialmente a construção da cape-la da Casa Mãe em 1847.

Se via um pobre, enchia-se de pena e seria capaz de se despojar de tudo para o socorrer. Um dia, com oito ou nove anos, vendo uma criança descalça tirou os sapatos e deu-lhos. Uma outra vez, em casa, na ausência da mãe, foram umas boas calças de veludo preto que substituíram os andrajos dum pobre rapaz. A complacência com que a mãe olhou para o gesto generoso do filho não terá excluído uma certa preocupação com o desfalque do guarda-roupa familiar.

Quando Pio VII regressou aos seus Estados, em 3 de Fevereiro de 1814, abençoou a multidão, onde se encontrava um grupo de jovens, entre eles Jean Gailhac, acompanhado pelo Pe. René Récollet. Esta bênção marcou-o profundamente. A prova disso é o seu amor para com o sucessor de S. Pedro, amor este tão transparente na sua vida que, por

ocasião do processo apostólico, o júri dos cinco eclesiásticos que examinava o processo, impressionado por este facto, mandou incluir, por unanimidade, na prece pela beatificação o seguinte: "pela dedicação tão forte que mostrou pela Santa Sê." (Declaração da Ir. St. Maurice Privat presente na qualidade de testemunha à dita sessão do processo).

PADRE MARTIN

A primeira educadora de Jean foi sua mãe. O pároco de St. Aphrodise também exerceu nele uma acção providencial.

O Pe. Martin nasceu em 1749. Foi pároco de St. Aphrodise de 1767 a 1789. Em Março de 1789 foi eleito deputado à Assembleia Constituinte dos Estados Gerais pela Assembleia Geral do Clero de Senescália de Béziers. Residiu em Paris e em Versailles até 1792.

Tendo-se oposto ao decreto sobre a Constituição Civil do Clero (12 de Julho de 1790), decreto que ele considerava atentório aos direitos espirituais, foi perseguido pela polícia de Paris e de Béziers. Exilou-se em Roma de 1792 a 1800. Em 1801 voltou a Béziers, mas recusou assinar a promessa de submissão às leis exigidas pelo Consolado, de onde lhe veio a interdição de exercer abertamente o seu ministério. Depois do voto da Concordata de 28 de Março de 1802, voltou a ser oficialmente pároco de St. Aphrodise, e isto até à sua morte, em 1824. A infância e a juventude de Gailhac decorreram portanto, sob a sua orientação espiritual.

Notemos que o Pe. Martin em 1811, criou e mobilou, à sua custa, uma casa de educação gratuita para raparigas pobres. Solicitou à cidade um subsídio de 6.000 francos e uma renda de 1.200 francos para sustentar três religiosas de St. Maur. Não esqueceu os rapazes que, em 1820, confiou aos irmãos das Escolas Cristãs. Estes, abriram uma segunda escola na paróquia de S. Tiago em 1895. Tinham fundado ainda um Refúgio que foi encerrado em 1891.

Era pois a este Pe. Martin, de caracter tão modera

do, como ao Pe. René., aos Padres Granier, Mailhac e outros a quem o pequeno Jean Gailhac ouvia contar os perigos por que tinham passado, e que tinham enfrentado durante os anos da revolução por amor de Deus e da religião.

A. Fabregat, na sua brochura sobre o Pe. Martin, escreve: "Apesar da diferença de idade (62 anos) Jean foi admitido na sua intimidade e dirigido por ele, até à sua morte". Nos arquivos do SCM encontram-se duas cartas do nosso Fundador enviadas do Seminário Maior de Montpellier ao seu director espiritual, onde se pode ler: "Meu querido pai em J.C. deixe que o trate por um nome que, exprime toda a feição santa que se pode ter por aquele de quem se receberam favores temporais, sobretudo, graças para a vida eterna".

ESTUDOS

Voltemos a Jean criança e aos seus estudos. Foi primeiramente o Pe. René, franciscano, que o recebeu no grupo de que estava encarregado, passando depois para o Colégio de Henri IV, em Béziers.

Dar-se-á melhor conta da formação literária, moral e religiosa recebida por Jean, se se esboçar a vida deste Colégio durante a primeira metade s^c. XIX. As suas origens remontam a Henri IV, em 1594. Eis algumas notas precisas sobre os dois períodos que se seguiram à Revolução de 1789: o período intermediário de 1794 - 1808 e o período universitário de 1808 - 1868.

A Lei de 11 do Floreal, isto é 19 de Maio de 1820, estipula que podem existir três espécies de estabelecimentos públicos:

- escolas primárias, fundadas pelas Comunas
- escolas secundárias, fundadas também pelas Comunas
- liceus, escolas especiais mantidas pelo Estado.

A cidade de Béziers foi primeiramente privada de todo e qualquer centro de instrução; por isso, os Presidentes das Câmara e Adjuntos considerando:

- que Béziers e os seus arredores contam 100.000 habitantes

- que a promessa da fundação das escolas secundárias, parecia afastada
 - que a proximidade do mar e do canal dos dois mares requerem uma disciplina de Matemáticas,
- pedem ao primeiro Consul uma escola secundária.

Um decreto Consular de Abril de 1803 autoriza a Comuna de Béziers a estabelecer uma escola secundária no edifício do antigo Colégio, ocupado dum lado pelo Comando da Polícia e do outro por um professor primário chamado Bonniol

A portaria de 30 de Novembro obrigou a Comuna a reparar o edifício, a cuidar da sua conservação e a providenciar no que se referia às primeiras despesas do estabelecimento.

A abertura da escola secundária municipal teve lugar a 7 de Outubro de 1805 com uma missa ao Espírito Santo, na capela do Colégio.

Durante o período universitário (1808-1809) o gabinete de administração do colégio de Béziers pede a M. Fontanes, Grão Mestre de Educação e da Instrução Pública, que conceda ao Colégio um lugar de distinção entre os colégios do Império e eleve o seu ensino ao nível dos liceus de terceira classe.

Uma portaria de 2 de Janeiro de 1811 aprovou definitivamente o Colégio. Nesta altura o abade Eustache, antigo monge beneditino, era director, cargo que exerceu desde 1 de Fevereiro de 1810 a 2 de Dezembro de 1823. Acrescentemos que em 1816 o ensino da filisofia, foi ministrado com o das matemáticas.

Jean Gailhac pode pois beneficiar duma sólida formação intelectual e moral sob a direcção de M. Eustache. Os seus outros professores louvaram sempre a "sua obediência e aplicação ao estudo".

Na véspera de deixar o Colégio, foi dizer adeus ao director, exprimir-lhe o seu reconhecimento e pedir-lhe uma palavra de recomendação para o superior do Seminário Maior. M. Eustache abraçou-o e disse-lhe: "Meu amigo, nós estivemos sempre contentes consigo, mas este ano muito particularmente." E deu-lhe o testemunho que Jean Gailhac pedia.

ESTADIA EM TOULOUSE

Voltemos atrás, as coisas não se solucionaram tão facilmente.

Um tio de Jean, farmacêutico em Toulouse, admirado com a inteligência e serenidade de Jean Gailhac, propôs aos Gailhac tomar a seu cuidado o futuro do filho mais velho, legando-lhe mais tarde a sua farmácia. Jean foi como o tio e esforçou-se por se adaptar à sua nova vida. Foi em vão. Gailhac precisava duma atmosfera de oração e estudo para se realizar. Depois de seis meses de luta, escreveu aos pais. A mãe veio a Toulouse e levou-o consigo.

DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Era necessário, portanto, decidir-se por um estado de vida. Tudo o atraía para o sacerdócio. O Pe. Martin, tendo em conta a inteligência, a força de vontade, o espírito de oração e o zelo manifesto do seu paroquiano, não duvidava da sua vocação. Mas Jean ficava indeciso: "— Padre, estou angustiado com um problema que não sei resolver. Que devo fazer?" "— Tu deves ser padre, é essa a tua vocação." A ideia que ele tinha do sacerdócio era tão elevada, a santidade requerida para esse estado tão eminente, os poderes recebidos tão tremendos que, a exemplo de muitos santos, ele recuava. "— Eu não posso ser padre". Então intensificava o fervor, a oração, as esmolas, os sacrifícios para que Deus tivesse piedade dele.

E foi atendido. A decisão veio finalmente. "Far-me-ei padre, mas será para ser um bom, um santo sacerdote". Mais tarde, com setenta e um anos, escreverá: "Queridas filhas, sinto necessidade de expandir o meu coração no vosso. Gostaria de reanimar ou fazer nascer nas vossas almas tudo o que Jesus pôs na minha. Vós o sabeis, Deus criou-me para Ele. Ele quer que eu viva só do seu amor e para a sua glória. Desde a minha mais tenra infância, encheu-me do seu fogo sagrado e o meu coração nunca quis viver sem o seu amor. Senti sempre em mim o dever e a necessidade de O fazer amar. Muito jovem ainda fui chamado ao sacerdócio. A santidade necessária a uma

vocação tão divina apavorava-me. Resisti, não consenti em ser padre senão com a condição de só viver para o próximo... Desde a minha infância, Deus fez nascer em mim um grande amor pelos outros: é este o princípio das obras que Ele me fez empreender, porque sempre fiz só aquilo que Ele mostrou que queria de mim."

O SEMINÁRIO MAIOR

Depois da Revolução de 1789, a 8 de Abril de 1802, uma lei reconheceu aos Bispos o direito de abrir seminários com a autorização do Governo.

Mons. Luis Rollet primeiro Bispo de Montpellier (1802-1806) depois da Revolução obtem do Governo Imperial o local do Convento dos Franciscanos (em 1967, este local tornou-se a sede dos Arquivos Departamentais de Hérault) para aí estabelecer o Seminário.

U O seu sucessor, Mons. Marie Nicolas Fournier (1806-1836), antigo sulphiciano, aumentou e aperfeiçoou o seminário. A Direcção foi confiada aos Padres da Diocese desde 1807 a 1844. O Seminário Menor esteve unido, em princípio, ao Seminário Maior. No tempo de Mons. Thibault (1835-1861), a Direcção do Seminário Maior foi confiada aos lazaristas até 1890. Quanto ao ensino ministrado (Vogourel - Histoire de la Vie et des Oeuvres du P. Soulas - -1904, p. 17) "O Seminário Maior era nesta época (1830), pela profundidade dos estudos, a reputação e a autoridade dos mestres, um dos melhores seminários do sul do país. Mons. Fournier era, pelo seu carácter, piedade e grande saber, um dos homens mais considerados na Igreja de França." De 1825 a 1835, (a estadia do Pe. Gailhac vai de 1818 a 1828) o Seminário de Montpellier formou numerosas personalidades: Mons. Ginoulhac, Bispo de Grenoble, Mons. Paulinier, Bispo de Besançon, Mons. Ramadié, o Pe. Alzon.

Mons. Bastet, nascido em 1759, foi director do Seminário Maior durante os anos de estudo do Pe. Gailhac. Era um homem simples, de grande virtude e talento. Tinha confessado a sua fé durante a Revolução. O nosso Fundador corresponder-se-á com ele depois da sua saída do Seminário, correspondência que reflecte a veneração do Pe.

Gailhac pelo seu Director e a afeição paterna deste último.

PADRE GAILHAC - SUA VIDA INTERIOR

O Pe. Gailhac passará dez anos no Seminário Maior (1818-1828). Destes anos ficaram-nos três cadernos de meditações feitas por escrito. Um de 1823, dois de 1824 e ainda dois pequenos cadernos de resoluções, um deles, intitulado: "Resoluções do retiro do subdiaconado."

Conhecemos o nosso Fundador pelas suas conferências, as suas numerosas cartas, pequenos tratados que nos deixou, todos redigidos depois dos setenta anos. É com veneração comovida que, ao ler os seus escritos de seminarista e de jovem sacerdote se entra, senão nos princípios, pelo menos num período decisivo da sua vida espiritual.

São meditações diárias feitas por escrito, resoluções para todos os dias: "Ó minha alma, procura orientar todo o teu dia afim de que seja agradável a Deus:

1º - de manhã, ao acordar, que o teu primeiro pensamento seja um acto de amor e de entrega de ti mesmo.

2º - que as tuas primeiras palavras sejam os nomes de Maria, de quem imploras as graças, e de Jesus em cujos braços te lanças."

Toma resoluções para todas as semanas, todos os anos:

"habitualmente, dedicar ao estudo todos os momentos livres. Ler a Sagrada Escritura todos os dias, durante uma hora. Não passar nenhum dia sem estudar duas horas de Teologia. Passar as férias, sempre que possível, numa paróquia a evangelizar os pobres, mas fazê-lo de uma maneira santa e útil e não para satisfazer a vaidade e o amor próprio." No caderno de "Resoluções do retiro do subdiaconado" lê-se: "para fundamento de toda a minha conduta, só quero ter em vista a glória de Deus e o Seu amor. É para este fim tão atraente que eu quero tender com todas as minhas forças... Sim, meu Deus, aqui prostrado a vossos pés, apoiado na vossa poderosa protecção, faço o propósito de ter sem cessar, senão na boca, ao menos no coração e na intenção, as palavras da devisa de Santo Inácio: "Omnia..." e também "tibi soli honor virtus et gloria mihi autem de-

decus et confusio." Para isso eu tomo a resolução de etc... E continua: "quando eu cometer qualquer falta por inadvertência, humilhar-me-ei logo diante de Deus, pedindo-lhe perdão. Segundo o conselho do meu director, sô me confessarei de quinze em quinze dias. Todos os meses fa rei um retiro espiritual."

Estas notas permitem-nos conhecer um pouco mais o Pe. Gailhac. Não ficaremos admirados do conceito em que o tinham os seus condiscípulos. Notemos, em primeiro lugar que, quinze dias antes de entrar no Seminário, não tendo ainda dezasseis anos, quis vestir a batina e que os irmãos deixassem de o tratar por tu, o que ele mesmo observou

O QUE SE PENSA DELE

A sua piedade era verdadeiramente exemplar. O recolhimento, a vigilância sobre os sentidos e sobre a sua alma pareciam exercer-se sem descanso. Uma grande observância para não faltar a qualquer ponto da regra. Os seus Superiores nunca tiveram de o repreender. Gailhac era o que se chama a regra viva do Seminário. Levava por vezes o espírito da regra até ao escrupulo. Falava muito pouco e parecia estar continuamente mergulhado em meditação, testemunha um dos seus condiscípulos. O Pe. Maynard diz-nos que um dos seus professores admirando a sua regularidade, a sua união com Deus, lhe applicou o salmo "Beatus vir..."

Outro testemunho fala da intervenção da mãe de Jean Gailhac junto do Superior do Seminário para fazer moderar as penitências aflitivas de seu filho: dormir no chão, experiência de resistência ao frio nas noites de inverno.

Os seus condiscípulos referem-se a: inteligência pronta e juízo recto, aliados a uma timidez, humildade, bondade que atraíam a afeição de todos, professores e alunos.

Com vinte e dois anos, no fim do curso de teologia, sendo subdiácono, foi nomeado professor de filosofia, matéria difícil de ser ministrada por um principiante a jovens seminaristas prontos a contestar. Jean Gailhac, sem resolver as objecções, indicava os princípios para encon-

trair a resposta e o aluno era obrigado a trabalhar. Se não o conseguia, na lição seguinte, o professor ajudava-o.

ORDENAÇÃO

Na ordenação de 23 de Setembro de 1826, Gailhac, foi ordenado padre por Mons. Fournier, no Castelo d'Eau, casa de campo dos Bispos de Montpellier.

ACTIVIDADES

Uma vez sacerdote, o Pe. Gailhac foi encarregado da Teologia Dogmática no Seminário Maior. O Governo exigia então dos professores dos Seminários Maiores o juramento de ensinar os quatro artigos da Declaração de 1682, resumido da doutrina Galicana:

- O rei, independente do Papa, em política
- As antigas regras eclesiásticas devem ser mantidas
- A Igreja infalível, mas não o Papa.

"Eu nunca assinarei, diz o Pe. Gailhac, o que a minha consciência reprova. Estes quatro Artigos são demasiado contrários aos direitos do Soberano Pontífice e da Igreja". Uma tal atitude estava em contradição com o galicanismo de Mons. Fournier, donde se depreende uma grande coragem do Pe. Gailhac. Ela é também reveladora da influência exercida sobre o nosso Fundador, pelo Pe. Martin. Sempre prevalecerá nele a profunda dedicação ao Santo Padre e à Igreja. Dedicação que em nossos dias parece normal, mas não o era em geral em França, no primeiro quarto do sec. XIX. Parece que, por volta de 1826-27, o Ministro do Interior não exigia formalmente esta assinatura.

Por outro lado, às suas aulas de Teologia Dogmática juntavam-se conferências cheias de força e piedade. A boca falava da abundância do coração.

Com autorização do seu director, consagra uma parte dos seus momentos livres às obras de caridade: suavizar os infelizes, visitar os doentes, os presos. Com um passo rápido dirigia-se para a prisão e, num instante, uvas secas, açúcar e tabaco eram distribuídos aos presos pelo "petit abbé" apelido que lhe davam, ao mesmo tempo que os

encorajava e confortava.

O temperamento do Pe. Gailhac tê-lo-ia feito sofrer se tivesse de interromper a sua actividade.

É bom mencionar que o Pe. Gailhac sonhou algum tempo com as missões longínquas. Com efeito, tendo sido discípulo do abade Dalmond, que partiu para Madagáscar com o abade Solanges, correspondeu-se com ele, em 1830, procurando a vontade de Deus. Não partiu. Sabemos que nesta data a capelania do hospital o tinha atraído. Mas partiram as suas futuras filhas, herdeiras do seu zelo ardente pela salvação das almas, que hoje espalhadas pelo mundo, trabalham pela expansão do Reino de Deus.

MONSENHOR FOURNIER

A partir das férias grandes de 1828, o Pe. Gailhac deixou o seminário para se fixar em Béziers. Antes de entrar em mais detalhes sobre esta decisão, é interessante e mesmo necessário, para esclarecer os acontecimentos, fazer um esboço rápido da figura dos primeiros Bispos que ocuparam durante a vida do Pe. Gailhac, a Sé de Montpellier: Mons. Fournier e Mons. Thibault.

Mons. Fournier nasceu a 27 de Dezembro de 1750 em Gex (Alta Saboia). Entrou na Companhia de S. Sulpício, cujo superior, Mr. Emery, era seu primo. Professor de filosofia no Seminário Maior de Orleans, não tendo prestado juramento à Constituição Civil do Clero, teve de se esconder. Em 1800, Mr. Emery autorizou-o a deixar a Companhia de S. Sulpício para se dedicar inteiramente à pregação, ministério para o qual era extremamente dotado. Apanhado pela polícia depois dum sermão no qual tinha feito alusões políticas, levaram-no para uma casa de saúde como louco. O Cardeal Fesch, a pedido de Mr. Emery obteve a sua libertação. Mais tarde, Napoleão, por uma estranha mudança, nomeou-o seu capelão, depois designou-o como sucessor de Mons. Rollet, para a Sé de Montpellier. Durante os vinte oito anos do seu episcopado (1806-1834) este Bispo, de carácter forte aliado a uma grande bondade, reorganizou inteiramente a sua Diocese.

MONSENHOR THIBAUT

Mons. Thibault nasceu a 24 de Fevereiro de 1796 em Baynes (Seine-Oise). Era sulpiciano. Ordenado sacerdote em 26 de Fevereiro de 1820, sagrado Bispo de Montpellier em 23 de Agosto de 1835, nos Lazaristas, Mons. de Quelen, fez a sua entrada na diocese de Montpellier em 15 de Setembro de 1835.

Mons. Thibault era um homem autoritário e de carácter forte. Era fiel ao seu dever, aos seus padres e aos seus amigos. No entanto, uma certa impulsividade, levava-o, por vezes, a tomar decisões sem suficiente ponderação. Mas sabia reconhecer os seus erros e repará-los. É necessário notar estes traços de carácter para compreender a sequência dos acontecimentos.

CAPELÃO DO HOSPITAL (HOTEL-DIEU)

O Pe. Assier, capelão do Hospital pede a sua demissão. O Pe. Gailhac, que intimamente se sente atraído para os mais pobres e os mais abandonados vê nisto uma indicação providencial. Professor e director espiritual no Seminário, embora desempenhando com estes ministérios, solicita inesperadamente, segundo parece, a capelania do hospital de Béziers, o lugar mais obscuro, mais ínfimo e o menos remunerado.

Os seus superiores e mesmo o Bispo tentaram dissuadi-lo. "Meu amigo" disse-lhe o Vigário Geral Lunaret, "por que insiste em ir para o hospital? Não é caminho para parte nenhuma." - "É caminho para o Céu", responde o Pe. Gailhac. - "Que quer ir fazer para lá?" - "Ganhar o Céu, Monsenhor," foi a sua resposta.

Mons. Fournier acabou por compreender a renúncia, humildade, amor de Deus e zelo pela salvação das almas deste jovem padre.

A folha de nomeação do Pe. Gailhac para este lugar tem a data de 12 de Setembro de 1828 (ASCM). Nos mesmos ASCM, encontra-se uma folha de poderes para a pregação e confissões na igreja de St. Aphrodise.

DIFICULDADES NO HOSPITAL

Neste novo campo de apostolado as dificuldades não faltaram. Qual era o número de doentes em 1828? Não se sabe ao certo, mas em 1844, segundo uma estatística, podem-se avaliar as entradas em perto de 1500, com um pouco mais de 1300 saídas e 429 óbitos. Quanto aos militares, um pouco mais de 600 entradas para 34 óbitos. Em 1 de Janeiro de 1845, cinco incuráveis foram para lá definitivamente. As Irmãs Hospitaleiras eram 22, o pessoal leigo 12. Não se sabe se as religiosas eram todas da mesma Congregação. Embora reconhecendo a sua virtude, caridade e dedicação, o Pe. Gailhac notava também uma grande falta de uniao e bastantes abusos. Mons. Fournier, posto ao corrente, autorizou-o a levar as religiosas a uma maior regularidade, nomeando-o confessor. Mas isto era apenas juntar mais um aos já existentes. Por isso o Pe Gailhac recusou. A situação agravou-se a tal ponto que Mons. Thibault, através de um decreto de 1 de Setembro de 1850 despediu as Irmãs Agostinhas. As Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo vieram substitui-las.

CONFESSOR DAS IRMÃS DE St. MAUR "DAMES NOIRES"

Abramos aqui um parêntesis notando que em 1832 o Pe. Gailhac confessava as Irmãs de St. Maur ou "Dames noires" uma vez que o Vigário Geral - Lunaret, em 18 de Abril de 1832 lhe tinha escrito: "os poderes que o senhor Bispo lhe concedeu nomeando-o confessor das "Dames Noires" não necessitam de ser renovados cada ano". De facto, fora a própria superiora, "pessoa excessivamente prudente e grave" (Pe. Maynard) que tinha pedido ao Bispo o Pe. Gailhac, como confessor. Deus preparava o terreno, como se verá mais tarde.

MINISTÉRIO NO HOSPITAL

Regressemos ao Hospital. Durante vinte e um anos, dos vinte e seis, aos quarenta e sete, na força da vi

da, o Pe. Gailhac gasta-se, dedica-se e abraça uma vida de obscuridade, de abnegação e sacrifício. Está à cabeceira dos doentes para os consolar, dos moribundos, para lhes infundir confiança. Sem esmorecimento tudo faz, pela salvação das almas. Quis aliviar todas as miserias, isto sem qualquer exagero. Em 1832, uma epidemia de cólera enche de doentes o hospital. O Pe. Gailhac multiplicou-se. Viam-no por toda a parte, confessando um, dando a extrema unção a outro, de dia e de noite e se se permitia algumas horas de repouso, era muitas vezes um sono interrompido pela chamada de um moribundo a qual acorria imediatamente. Nada lhe repugnava: nem a atmosfera empestada, nem os gritos dos doentes em convulsões, nem a recusa obstinada do seu ministério, até mesmo as blasfêmias. Sozinho com as religiosas e os médicos permanecia no seu posto.

Já em 1828, o Vigário Geral Bastet recomendava ao Pe. Gailhac mais moderação no seu zelo. Trabalho perdido. Terminada a epidemia teve uma pleuresia grave. O remédio então utilizado, era a aplicação de sanguessugas, mas este tratamento enfraquecia-o de dia para dia. Perderam-se todas as esperanças. Apesar disso, o médico passou-lhe uma receita em que prescrevia um longo e rigoroso tratamento. O Pe. Gailhac pediu a sua mãe que o queimasse e levantou-se. No dia seguinte, retomou o trabalho. " Foi a sua energia que o salvou" disseram os médicos. Uma vez salvo, ficou, porém, muito magro, curvado tossindo muito. No entanto recuperou as forças como o futuro o provou.

OUTRAS ACTIVIDADES

Fora das horas do hospital, ocupava o tempo com a celebração da Eucaristia, a oração, o breviário e o estudo dos padres da Igreja, o dogma, como sabemos. Pelos horários minuciosos redigidos por ele, passava longas horas no confessionário, dirigindo não somente as pessoas da cidade, mas também as das aldeias, próximas, desejosas do progresso espiritual e atraídas pela firmeza da sua orientação. Uma carta do Vigário Geral Lunaret, da

tada de 16 de Agosto de 1832, confirma o facto. utilizava dois confessorários: um no hospital e o outro em St. Aphrodise. Tinha ainda o trabalho das pregações (licença ilimitada com a data de 29 de Março de 1831, concedida a seu pedido pelo bispado), sermões, novenas, adorações, mês de Maria (dez meses de Maria e vinte e duas palestras sobre a Santissima Virgem, pelo menos), todos os assuntos lhe eram familiares. E ainda podemos acrescentar conferências para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, pequenos tratados (dois volumes), pregações às alunas, etc. São ainda de notar as visitas aos presos e o apostolado junto dos soldados. O Pe. Maynard diz-nos que eles eram o objecto das suas preferências, trabalhando por acabar com os du los.

REFÚGIO

(1834-1851 aproximadamente)

Num boletim da Revista da Sociedade de Arqueologia de Béziers, pode ler-se um artigo sobre a história do Refúgio de Béziers, redigido em 1885, portanto durante a vida do Pe. Gailhac, que sem ser explicitamente nomeado, está nele implicitamente incluído.

Este Refúgio foi fundado em 1783 por Mons. des Arlis de Rousset na paróquia de St. Aphrodise. "Em 1746, cinco religiosas ocupam-se das raparigas que aí se encontram." Em 1791, o Refúgio deixa de existir, a casa é vendida em proveito da Nação. O que é muito curioso e interessante é a nota colocada ao lado deste artigo:

"Esta obra de utilidade social, invenção da caridade de cristã, foi retomada nos nossos dias (o boletim é de 1885). Em 1834, um zeloso sacerdote ajudado por um piedoso doador, entendeu restabelecê-la. Em 1846, a casa do Refúgio foi aumentada e dotada de uma linda capela. Por último a casa foi convertida em Orfanato. As raparigas do Refúgio foram transferidas para asilos de Montpellier, existentes para o efeito"

Não há dúvida que o "zeloso sacerdote de 1834" é o nosso Fundador. "O piedoso doador" é M. Cure e a "linda capela" é a capela da Casa Mãe. Uma placa comemorativa, nomeando o benfeitor, situa a benção da capela em 1874:

D.N.J.C. 1847

Bono ovium pastori hanc aedificavit atque exornavit
ecclesiam

E. Cure orphanarum beneficus - 1847

CAUSAS LONGÍNCUAS DA FUNDAÇÃO DO REFÚGIO PELO PADRE GAILHAC

Chamou-se a atenção para a influência do Pe. Martin sobre o Pe. Gailhac, criança e jovem, mas esta acção providencial exercia-se no sentido das disposições íntimas de Jean Gailhac, cuja força de vontade e soli

dez de carácter eram já visíveis ao seu director. M. A. Fabregat escreveu numa brochura sobre o Pe. Martin: "Estas duas obras: Refúgio e Orfanato, fundadas em nossos dias pelo Pe. Gailhac, reflectem todo o pensamento do Pe. Martin". É bom também ler o que escrevia o nosso Fundador, em 7 de Março de 1881, ao Cardeal Hohenloche, nomeado protector do nosso Instituto: "Muito jovem ainda e mesmo antes de ser padre, Deus tinha-me inspirado o desejo de criar uma obra para salvar as raparigas tão expostas no mundo." Ainda jovem enviava-as para Montpellier onde existiam Refúgios, pagando as despesas exigidas". Eram necessários quinze francos por mês ou cento e oitenta francos por ano. Com um ordenado de novecentos francos, mais quinhentas missas, enviou primeiro uma, depois duas e em pouco tempo treze. É bom acrescentar que nisto foi ajudado por muitos daqueles que orientava espiritualmente, testemunhas do seu zelo. Por outro lado a mãe do Pe. Gailhac, vinha em seu socorro. Encontrava na casa paterna cama e mesa, isto até 1857. Quanto ao seu guarda roupa, batinas em particular, era ainda a mãe quem estava atenta a estes pormenores esquecidos pelo filho em proveito da sua obra.

FUNDAÇÃO DO REFÚGIO

Perante a impossibilidade de mandar para Montpellier todas aquelas a quem a tal estadia no Refúgio poderia beneficiar, ganhou vulto no Pe. Gailhac a ideia e a vontade de abrir um Refúgio em Béziers: Rezou, consultou o seu confessor Mons. Tailhan, arcebispo de St. Nazaire e Mons. Bastet seu antigo superior no Seminário Maior. Todos concordaram. Faltava a autorização de Mons. Fournier. Numa entrevista, frente a frente, o Bispo ajuizou da necessidade desta Instituição, aprovou-a e redigiu ele próprio o primeiro regulamento. Esta autorização encontra-se numa carta do Vigário Geral Grasset, escrita em nome de Mons. Fournier e datada de 14 de Novembro de 1834: "Eu fui encarregado pelo Senhor Bispo de lhe dizer que ele o autoriza a criar se possível, uma casa de Refúgio em Béziers".

Em 30 de Novembro de 1834 procedeu-se à benção e abertura do Refúgio. Clero, amigos, benfeitores à frente dos quais se encontrava o senhor e a senhora Cure, as raparigas do Refúgio e o Pe. Gailhac, reuniram-se no pátio do edifício. A capela, simples divisão interior, parece ter sido pequena.

Havia voluntárias prontas a dedicarem-se, o que é confirmado por uma carta de 14 de Novembro de 1834: "Apresentará a sua Excelência Reverendíssima os nomes das senhoras que querem dedicar-se a esta obra e ele as nomeará como administradoras." A casa ficava pois, segundo a "intenção formal" do Bispo, "unicamente sob a direcção da autoridade eclesiástica." Destas voluntárias de começo, dois nomes apenas nos chegaram: Rose Jeantet e Cécile Cambon.

Tudo parecia começar bem. A obra ia ser aprovada. Alguns padres, contudo, pensaram que era uma imprudência, uma temeridade, um perigo mesmo, por causa da ida de do Pe. Gailhac etc. Daí críticas acerbas. Até a família Gailhac não compreendeu a princípio o seu zelo: "esta obra é a nossa vergonha e a mofa de toda a cidade de Béziers." A esta desaprovação foi ele particularmente sensível. Acrescentem-se a estes entraves os dos inimigos da religião, a animosidade daqueles a quem tinham tirado o objecto da sua paixão, e isto até chegar a vias de facto, como mais tarde dirá o Pe. Gailhac às suas religiosas: "Oh! minhas filhas, minhas filhas, as obras de Deus incorrem sempre em contradição, mas pouco importa a maldade dos homens desde que o bem se faça."

MONSENHOR THIBAUT

A Mons. Fournier, falecido a 20 de Dezembro de 1834, portanto algumas semanas depois da abertura do Refúgio, sucedeu Mons. Thibault que tomou posse da Diocese a 15 de Setembro de 1835. No dia 17 de Setembro escrevia ao Pe. Gailhac: "...o que sei do seu zelo, do seu amor pelas obras boas e santas consola-me e dá-me a certeza, como a Mons. Fournier, de que será para mim um activo cola

borador. Conduza o melhor que puder a sua obra da Madalena e conte com todo o meu empenho em o ajudar e também com a minha afectuosa dedicação. Charles, Bispo de Montpellier." Que bálsamo fortificante deviam ter sido para ele estas linhas, eco da estima do Conselho Episcopal, uma vez que Mons. Thibault não conhecia ainda pessoalmente o Pe. Gailhac.

As calúnias prosseguiram e Mons. Thibault, influenciado por elas, manifestou ao Pe. Gailhac o desejo de substituir o pessoal leigo do Refúgio por religiosas. Numa carta, datada de 29 de Junho de 1840, do Vigário Geral Valade ao Pe. Gailhac, pode ler-se: "Fui ver o Bom Pastor. Voltei de lá triste ao pensar que esta obra que poderia consolidar-se e progredir virá a morrer, talvez por causa da sua desinteligência com o senhor Bispo. É o que vai acontecer, se não se entender com ele e não agir sob a sua dependência. Deve decidir-se a admitir Irmãs de um^o ordem já existente ou a propor ao senhor Bispo Regras para religiosas que se destinem a Obras deste gênero. A Comunidade de St. Maur, vendo o embaraço do Pe. Gailhac, ofereceu-lhe religiosas da sua Congregação para o Refúgio e para o Orfanato. Este último já tinha começado. Durante algum tempo, graças ao bom espírito das que partiram e das que vieram substituí-las, tudo correu bem. Mas aqueles que não queriam o Refúgio voltaram à carga, insinuando a incompatibilidade de as religiosas se ocuparem ao mesmo tempo de um Internato de "meninas bem" e de um Refúgio. As Irmãs de St. Maur, embora com muita pena, acharam por bem retirar-se. Foram substituídas, alguns dias antes de 2 de Junho de 1843 (Diário de Béziers, 22 de Junho de 1843), por seis religiosas de St. Joseph de Lyon. *o. Louis de Marie Joseph*

Foi por volta de 1840 que se precisou, assim parece, no espírito do Pe. Gailhac, a ideia de fundar uma Comunidade religiosa. Por um lado, as pessoas leigas que tinham partido, não lhe pareciam susceptíveis de constituir esta Comunidade: "...exige muita perfeição da parte das pessoas que devem dirigir a sua Obra. Eu não sou o único a pensar assim. Pessoas esclarecidas, respeitáveis e que o estimam pensam como eu..."(29 de

Julho de 1840 - V.G. Valade). por outro lado, redigir regras adequadas não era pequeno encargo e seria mesmo o momento providencial? Ele continuou a rezar. Mais tarde, em 1848, poderá escrever à Madre St. Jean: "Não me enganei, é bem a filha que há tantos anos (desde 1834) pedia insistentemente a Deus".

Ver-se-á que as irmãs de St. Joseph de Lyon ficaram até Fevereiro ou Março de 1849.

APROVAÇÃO DEFINITIVA DE MONSENHOR THIBAULT

Mons. Thibault chegou um dia ao Refúgio, inesperadamente, para acabar com esta obra. Veio, ouviu em particular, raparigas e irmãs, constatou a ordem, o bom espírito, a caridade e a dedicação. O Bispo ia partir, quando o Pe. Gailhac chegou do hospital, a toda a pressa, a tempo ainda de o ouvir dizer: "Padre, tem muitos inimigos, desta vez ficaram presos nas suas próprias malhas. Felicito-o pela sua casa. Vi tudo. Estou contente. Continue a sua Obra".

O seu juízo, esclarecido pelos factos, modificou-se. nunca mais mudará de atitude, como o futuro o provará.

Em 1846, Mons. Thibault nomeava o Pe. Gailhac cônego honorário da Sé Catedral (Acta de nomeação Arquivos do SCM).

"Continue a sua Obra..." Continuou com efeito no trabalho, na oração e na observância de um regulamento adequado. O número de raparigas aumentou. Uma vez que os recursos eram os mesmos, era necessário pôr em prática o provérbio: "ajuda-te e o Céu te ajudará". Devemos destacar dois nomes, o de Cécile Cambon (em 1849, Irma St. Aphrodise) e Rose Jeantet (em 1849, Irma Modes te). A primeira sô falava o saboroso dialeto do Languedoc. Saíam a recolher esmolas em Béziers e nas aldeias. Partiam com um burro carregado de cestos vazios e regressavam com eles bem cheios. De volta, passavam uma parte das noites a amassar a farinha para o pão, a fazer a barrela, a pôr tudo em ordem para o dia seguinte. Por seu lado, as religiosas de St. Joseph ocupavam-se das rapa-

rigas do refúgio e das crianças. Aqui permaneceram até ao dia em que a casa Mãe delas, tendo necessidade, as requisitou. Partiram depois da entrada da senhora Cure e das suas companheiras, quer dizer, entre 24 de Fevereiro de 1849 e 18 de Março do mesmo ano, data em que a senhora Cure tomou a direcção do Refúgio (Courrier de Béziers de 18 de Março de 1849).

ORFANATOS (1831)

O Orfanato das meninas começou de uma forma provincial. A primeira criança com três anos foi quase posta nos braços do Pe. Gailhac, pois a mãe não queria que ela seguisse o seu mau exemplo. Criança predestinada, morreu por volta dos dez anos, tendo feito a primeira comunhão aos nove, acontecimento raro na época.

Outras a seguiram. Foi assim que em breve se formou o Orfanato. Protegia a inocência das crianças e formava cristãs. Destas crianças ocuparam-se primeiro pessoas leigas e depois duas Comunidades religiosas, St. Maur e St Joseph.

A Madre St. Félix Maynard escreve nas suas notas pessoais: "Havia nesta época duas classes: a do Orfanato, no primeiro andar e a das maiores, ou raparigas do Refúgio em baixo, no rés-do-chão. Marie Maynard (Madre St. Félix) estava encarregada do Orfanato e Jeanne Fromet (Madre St. Cyprien) das maiores." Em 1857 havia "setenta crianças que se acolheram dos seis aos dez anos e de quem nos ocupamos até à maioridade."

Depois de ter acabado o refúgio, fundou-se um segundo Orfanato chamado Preservação. A Madre St. Félix escreve: "Pouco a pouco esta obra (Refúgio) foi suprimida e substituída por um grupo de adolescentes que formaram um segundo Orfanato. Tudo isto se passou durante o nosso postulanteado e parte do noviciado". Portanto, entre 1849 e 1850.

Em 1857, a preservação contava cerca de sessenta alunas entre os doze e os dezoito anos. Mais tarde, este segundo Orfanato foi dividido em dois: Preservação ou Classe Grande com as mais velhas, e a Providência ou Classe Pequena, com as mais novas. Não é possível precisar a data desta divisão, mas ela existia de facto em 1884, segundo testemunho da Irmã Adélaide Bousquet orfã, que veio a ser irmã Oblata.

Voltemos ao Orfanato das jovens. O próprio Pe. Gailhac, as Irmãs e mais tarde os Padres do Bom Pastor instruíram-nas sobre as verdades religiosas. Muitas delas provaram pela sua conduta, em circunstâncias difíceis

ceis, a solidez da sua formação. Algumas quizeram consagrarse a Deus no Sagrado Coração de Maria.

na linguagem dos Irmãos Oblatos

BAYSSAN-LE-HAUT

Em 30 de Novembro de 1850 a Madre St. Jean Cure comprou a propriedade de Bayssan-le-Haut, casa de acolhimento para um orfanato de rapazes. Eram recebidos aos seis anos e aí permaneciam até à maioridade. Na altura da saída recebiam um enxoval e duzentos ou trezentos francos.

O Pe. Gibbal foi o primeiro a ocupar-se destas crianças assegurando-lhes a direcção espiritual e temporal. Graças à sua afabilidade, caridade, espírito alegre e prespiçacia, os preguiçosos, obstinados ou teimosos corrigiam-se pouco a pouco. Depois do falecimento do Pe. Gibbal em 1871, foram os PP. Durand, Martel, Guilbert e Maynard (este último de 1874-1886) que lhe sucederam. O Pe. Maynard foi em seguida o capelão do Orfanato das meninas durante trinta e seis anos, quer dizer até à sua morte em 1912. Os Irmãos do Bom Pastor secundaram os Padres na educação das crianças.

Num clima de vida cristã, os orfãos beneficiavam da instrução primária e eram formados nos trabalhos de vinicultura que nesta segunda metade do séc. XIX pedia uma mão de obra verdadeiramente grande. Colossais fortunas nasceram da prosperidade vinícola. A Banca de França menciona, a 18 de Março de 1864, o depósito de um bilião em cinco anos.

FIM DO ORFANATO DOS RAPAZES

Duas causas parecem ter contribuído para o desaparecimento deste Orfanato. Por um lado o recrutamento militar, por outro a extinção progressiva dos Padres e Irmãos do Bom Pastor. Poder-se-ia ter recorrido a professores leigos, mas o Pe. Gailhac depois de uma primeira experiência não o quis. Os orfãos foram para outros Orfanatos.

Em conclusão: durante mais de trinta anos formaram-se cristãos exemplares, os quais fundaram lares onde a Fé era vivida. Deu-se-lhes com a instrução, os meios de ganhar ho

mentamente a vida.

SOCORROS PROVIDENCIAS

Como pode o Pe. Gailhac nos começos fazer face às despesas para conseguir o necessário tanto para a aquisição dos terrenos, como para a alimentação quotidiana de tantas crianças, numa época em que não existiam auxílios? Vimos já a acção dos benfeitores, a dedicação das duas boas mocinhas que saíam a pedir, mas é preciso acrescentar a chegada inesperada de socorros providenciais para responder à indefectível confiança do Pe. Gailhac. Durante todo o tempo da construção do Orfanato só se recebeu o absolutamente necessário. Os seus pais tiveram que fornecer o trigo para o pão. Finda a construção não havia dinheiro para saldar a dívida. Um amigo tinha-lhe prometido que o ajudaria em caso de dificuldade. Recorreu a ele mas, tempo perdido. A ajuda prometida não pôde ser concedida. O Pe. Gailhac pôs então a sua confiança apenas em Deus. Tinha de saldar uma dívida às duas horas e era meio-dia. Ao regressar do hospital, encontrou uma pessoa que o esperava e lhe disse: "Há muito tempo já, que alimento o projecto de lhe dar algum apoio para as suas obras. Até aqui não pude fazê-lo. Esta manhã recebi uma grande quantia em dinheiro com que não contava. Aqui o tem". Põe alguns maços de notas sobre a secretária do Pe. Gailhac, o qual à vista disto se mostra embaraçado. Pormenor ainda mais evidente é que havia exactamente nesses maços a quantia relativa à factura a pagar. Uma outra vez, foi uma pessoa que lhe veio satisfazer uma restituição. Uma irmã dessa pessoa tinha-lhe pedido para após a sua morte dar uma quantia substancial para as obras do Pe. Gailhac. Depois de uma grande hesitação que durou muito tempo, a sua consciência levava-a enfim a corresponder ao desejo da irmã. Outra vez, será a fortuna da Senhora Cure, mais que a fortuna, a sua própria pessoa, que Deus enviará em resposta à fé do seu servo.

IRMÃS OBLATAS

Depois do encerramento do Refúgio foi aberta a classe de preservação, onde foram admitidas as que vinham dando garantias de regeneração e de piedade. Algumas tocadas pela graça, desejavam viver só para Deus. O Pe. Gailhac para responder ao seu desejo, com a autorização de Mons. Thibault, criou uma Ordem Terceira com o nome de Irmãs da Virgem. A estas vieram juntar-se orfãs e outras jovens que nessa época não tinham "nem recursos, nem educação necessária para entrar no convento" (Pe. Maynard).

INSTALAÇÃO

Uma grande sala para costura e bordados. Numa outra contígua, um dormitório, um refeitório, alguns quartos podendo servir de enfermaria, um pequeno jardim. O Pe. Gailhac mandou construir uma capela em estilo gótico, dedicada a Nossa Senhora e destinada às Irmãs Oblatas e às Orfãs.

TOMADA DE HÁBITO

Em 28 de Abril de 1852 a Madre St. Jean falou com cada uma das desasseis jovens presentes. O Pe. Gailhac veio em seguida e deu um novo nome às dez que tinham sido admitidas pela Madre Geral e o seu Conselho à tomada de hábito, fixada para 26 de Maio de 1852. O Hábito era de burel. Mais tarde foi substituído por um preto. O Pe. Gailhac presidiu à cerimônia à qual assistiram também sacerdotes, pais, amigos e benfeitores. Depois do meio dia, os padres visitaram a nova instalação. Três meses depois, três postulantes receberam o hábito.

A pequena Congregação foi colocada sob a orientação da Madre St. Stanislas (Rosalie Gibbal). Profundamente piedosa, amável, paciente, era a primeira na oração como no trabalho e na penitência. O Pe. Maynard recorda que a vida destas primeiras Oblatas foi particularmente marcada pelo desapego do mundo, pobreza efectiva, mortificação voluntária, humildade profunda e uma grande simplicidade.

PROFISSÃO

Em 11 de Setembro de 1853, depois de um retiro dado pelo Pe. Gailhac, fizeram os três votos que todos os anos renovavam.

REGRA

O Pe. Gailhac tinha redigido uma Regra das Irmãs Oblatas, que abrangendo todo o pormenor das suas vidas, punha em relevo, em primeiro lugar, o espírito de fé, humildade, caridade, amor da mortificação. As Irmãs Oblatas dependiam da Comunidade do Sagrado Coração de Maria cuja superiora era também a sua superiora, embora se fizesse geralmente representar por outra religiosa.

MODIFICAÇÕES

Testemunha da vida de fervor destas Irmãs Oblatas, o Pe. Gailhac pensou fazer beneficiar deste fermento as raparigas da Preservação. Com uma obediência digna de elogio, as Irmãs Oblatas voltaram a ocupar os lugares que tinham deixado alguns anos antes. Impressionaram as jovens, e algumas houve que quiseram seguir o seu exemplo mas, "muito difficilmente adquiriram o seu espírito" (Pe. Maynard).

Consequências graves: o Pe. Gailhac, cheio de trabalho, não podia já ocupar-se tão atentamente deste grupo, onde o relaxamento foi sentido pelas Irmãs Oblatas que pediram ao Pe. Gailhac, por intermédio da sua Mestra de Noviças, que as deixasse voltar à primeira forma de vida comunitária. O pedido foi aceite embora não pudesse ser totalmente satisfeito porque não havia nessa altura local bastante, independente da Preservação.

Em 1908, as Irmãs Oblatas a seu pedido, obtiveram da Superiora Geral, Madre Ste Constance Farret, a sua plena entrada na Congregação do Sagrado Coração de Maria, a título de Irmãs coadjutoras, depois de terem feito o noviciado canónico.

O BOM PASTOR

Em 1850, enriquecido pela experiência do hospital de Béziers, o Pe. Gailhac pôde dar o último toque às Regras e Constituições. "O Instituto do Sagrado Coração de Maria ficará dependente, tanto no espiritual como no temporal, de uma Comunidade de Padres do Bom Pastor, a qual dependerá do Bispo de Montpellier".

Na história do Bom Pastor, escrita pelo Pe. Gibbal pode ler-se: "Mons. Thibault, de feliz memória, desejava consagrar as obras do Pe. Gailhac - deste sacerdote de Deus, como ele lhe chamava - aprovou as Constituições das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, por Mandato Episcopal de 8 de Abril de 1850, e submeteu-as no temporal e no espiritual à direcção dos Padres Regulares do Bom Pastor."

Conclusão evidente: colocar as suas religiosas sob a direcção dos Padres do Bom Pastor, de que ele mesmo era o superior, era para o Pe. Gailhac assegurar a transmissão de um mesmo espírito aos membros do seu Instituto.

Glorificar o Pai Celeste, salvar as almas foi o fim da Encarnação, da vida de Jesus Cristo, Salvador, tal é o fim dos Padres do Bom Pastor:

- 1 - pelas missões e retiros nos campos
- 2 - pelos catecismos de perseverança
- 3 - recolhendo num Orfanato os rapazes abandonados para os evangelizar e educá-los no amor e na prática da religião e formá-los para os trabalhos agrícolas.
- 4 - auxiliar os Párocos momentaneamente incapacitados por doença ou por qualquer outra causa legítima.

Além disso, quando os Padres do Bom Pastor não estiverem em missão, como durante o tempo livre, depois da direcção das obras, da oração e do estudo, poderão prestar serviços espirituais a quem os pedir. Que, todavia, isso não seja nunca pretexto para se furtarem ao cumprimento do principal fim da Congregação que é a assistência das Obras, as missões, os retiros nos campos, o auxílio a dar aos sacerdotes doentes ou legitimamente impedi-

dos, ou enfim toda a obra que o superior julgar útil para a glória de Deus ou para o bem da Comunidade.

Acrescentemos que os Padres do Bom Pastor fazem três votos simples de religião. Há pois um noviciado, um mes^{tre} de noviços e dois anos de provação.

OS IRMÃOS DO BOM PASTOR

Os Irmãos do Bom Pastor tinham uma Regra distinta da dos Padres. O manuscrito desta Regra, escrita pelo punho do Pe. Gailhac, encontra-se na Casa Mãe. O Pe. Gibbal menciona também a sua existência, tal como as nossas irmãs mais antigas.

Ligavam-se a Deus pelos três votos de religião. Davam instrução religiosa e profana aos orfãos de Bayssan e iniciavam-nos nos trabalhos agrícolas. Em Béziers, no Bom Pastor, ocupavam-se dos trabalhos domésticos.

As crianças recebidas em Bayssan eram orfãs de pai e mãe ou de um deles. Entravam com a idade de seis ou sete anos e deviam ficar até aos vinte e um. À sua saída recebiam um enxoval e uma importância em dinheiro para as suas primeiras necessidades.

A extinção dos Padres e Irmãos do Bom Pastor, provavelmente no ano de 1886, coincidiu com o fim da Colônia de Bayssan

O Pe. Gailhac tinha mandado construir para os Padres do Bom Pastor uma residência a que acrescentou uma capela.

CAPELA

Foi em 1860 que principiaram os trabalhos da construção da capela em estilo gótico. Foi benzida a 18 de Abril de 1863, sob a presidência de Mons Le Courtier. Eis a descrição da cerimônia:

No ano de N. S. de 1863, sábado, 18 de Abril, véspera do domingo do Bom Pastor, Sua Excelência Reverendíssima François Marie Joseph Courtier, Bispo de Montpellier, benzeu solenemente, sob a invocação do Bom Pastor, a capela dos Padres constituídos em Comunidade com este

título, em virtude da sua Ordenação Episcopal em 15 de Novembro de 1862.

Às oito horas da manhã os Padres desta Comunidade e o Clero da cidade que se tinham reunido para a cerimônia vieram juntar-se ao Senhor Bispo acompanhando-o pro cessionalmente até à porta principal da capela.

Terminadas as cerimônias dentro e fora da capela, o Pe. Gailhac, superior da Comunidade dos Padres do Bom Pastor, dirigiu-se ao Bispo nestes termos:

Monsenhor: O Filho de Deus feito homem tomou muitos nomes todos eles grandes e gloriosos e cada um deles exprime um aspecto da sua autoridade. Um dia Ele deu a si próprio um nome novo, que o preferiu a todos os outros. Ele mesmo explica os motivos desta preferência. Este nome expressa de uma maneira clara como a sua auto ridade era suave e o seu amor infinito. Todo o seu Co ração transparece nele. Esse nome é o do Bom Pastor.

Bendito seja Deus. Abençoad o sejais, Monsenhor, pois nos apparecis como o representante, como a imagem viva do Bom Pastor. Este nome que preferis a todos os títulos, a todas as honras da terra, exprime quer a vossa autoridade quer o amor pelas vossas ovelhas. Nós sabemos-lo, toda a gente sabe, como desejais conhecê-las para as amar ainda mais. Nós os mais pequenos, os menores de todos, tivemos disso a prova. Vós nos amáveis, Monsenhor, antes de nos conhecer, mas depois de nos termos revelado, ainda nos ficareis a amar mais. A honra que nos dais. Permitti-me dizê-lo, a ternura que nos testemunhais nesta circunstância, são bem a prova desse amor para com todos.

Para testemunhar o vosso amor, não vos basta fazer saber a toda a Diocese que nos abençoais e por um Manda to solene aprovais o nosso projecto de viver em Comu nidade regular, para podermos mais fielmente ser Padres auxiliares em toda a espécie de boas obras, mas quisestes ainda fortificar-nos na nossa resolução com a vossa presença prolongada no meio de nós e acrescentar como que uma consagração à primeira, dedicando esta capela à glória do Bom Pastor.

Sim, Monsenhor, sim, Pastor, vós conheceis as vossas ovelhas mas as vossas ovelhas também vos conhecem. Esta palavra é verdadeira, Jesus Cristo disse-a. Sim, nós conhecemos o nosso Pastor, nós amamo-lo.

Ficai certo, Monsenhor, os vossos pensamentos serão os nossos, a vossa vontade será a nossa vontade e neste momento de provação sereis, vós o nosso apoio e a nossa consolação.

De resto Monsenhor, estamos felizes por esta circunstância na qual o vosso coração e o vosso amor se revelam grandemente, estamos felizes, digo, de poder dizer em presença deste venerando Clero, diante dos primeiros Magistrados e do escol da cidade que sempre vos honraremos, vos amaremos, que sempre vos seguiremos como ovelhas fieis. Felizes ainda, se pudermos imitar a vossa piedade, as vossas virtudes e assim nos tornarmos dignos de cooperar com todo o bem a que a vossa alma se propõe fazer pela felicidade do seu imenso rebanho.

O Senhor Bispo respondeu então com algumas palavras impregnadas de bondade reservando-se para falar a toda a assembleia depois do Evangelho.

Sua Excelência Reverendíssima celebrou imediatamente a seguir a Eucaristia e, depois do Evangelho fez ressaltar, com palavras cheias de elevação, de verdade, de união e de encanto a acção de Deus, servindo-se de um sacerdote desconhecido, desprovido de todos os recursos e de uma mulher cheia de dedicação e desprendimento, para fundar tantas obras que despertam as simpatias cristãs de uma cidade religiosa.

Dirigindo-se particularmente aos Padres do Bom Pastor, Sua Excelência Reverendíssima manifestou-lhes de novo toda a sua simpatia, a esperança que punha no seu zelo e no excelente espírito que nunca deveria deixar de animar a Comunidade nascente.

Terminada a Eucaristia e depois de entoado o Te Deum Sua Excelência Reverendíssima mandou anunciar aos fieis, através do Pe. Maynard, Arcipreste de St. Nazaire, que concedia uma indulgência de quarenta dias a todas as pessoas presentes na cerimônia e as que visitassem a capela do Bom Pastor durante a oitava.

FACTORES PROVÁVEIS DO FIM DOS PADRES DO BOM PASTOR

Ao percorrer a correspondência, único documento que possuímos sobre a vida da Comunidade dos Padres do Bom Pastor, não se apreendem muito bem as causas do fim da Congregação.

Doze Padres, incluindo o Pe. Gailhac, fizeram parte do Bom Pastor entre 1850 e 1876. Houve provavelmente novos e professos que saíram. Como o menciona o Pe. Maynard, o Pe. Flottes Jean Baptiste, ficou somente dois anos. Outros, não mencionados, devem ter ficado ainda menos tempo.

Não existe qualquer registo. O nível de recrutamento é inferior a um em cada dois anos (doze entradas em vinte e seis anos). Por outro lado, há os falecimentos e as saídas. Depois de 1876 não houve nenhum candidato. É pois a partir deste ano que a Congregação começa a extinguir-se. É bom acrescentar que, ao menos num caso e antes de 18 de Julho de 1873, o superior do Seminário Maior desaconselha a entrada imediata no Bom Pastor a um jovem padre, seu dirigido.

Ao estabelecimento sólido e ao aumento do número dos Padres do Bom Pastor, parece-nos terem-se oposto as suas idades. Estas, variavam entre os vinte e um e os sessenta e quatro anos. Entravam no Bom Pastor homens formados tanto humanamente como no plano sacerdotal e religioso. O Pe. Gailhac dava-se bem conta disso quando exprimia a Mons. Le Courtier o desejo de encontrar candidatos jovens "mais fáceis de formar para o nosso gênero de vida".

Isto não era fácil, nem para o Pe. Gailhac nem para os candidatos e disso temos provas: Em 1863 um padre sai sem autorização nem do superior nem do Bispo. Em 1865, por ocasião da fundação da paróquia de St. Judas, o Bispo pensa que o Pe. Redien, que esteve seis anos no Bom Pastor, poderá aí consolidar a sua vocação.

Em 1868, desolação do Pe. Gailhac perante o desaparecimento dos seus Padres. Recorre-se a vários expedientes: em 23 de Junho de 1866 recebe o Pe. Cors que, em vão, fez uma experiência na Trapa e nos Prémonstratenses,

cônegos regulares. Em 17 de Novembro surgem queixas acerca dos Padres Rēdier e Guibert. Em Março de 1871 o Bispo autoriza a entrada de um padre e lamenta ao mesmo tempo que não seja uma boa aquisição: "é um Padre que só serve para celebrar a Eucaristia. Em 28 de Setembro de 1872, é o Padre Combescure que provoca a agitação, faz planos e apreciações sobre o Bom Pastor. Será depois o Pe. Belmont-Galié que, segundo o testemunho da Madre St. Félix Maynard geriu muito mal as finanças de Bayssan.

Além de todos estes casos, outros surgiram, como por exemplo, o Pe. Bougette, Mons. de Las Cases e outros enviados pelo Bispo a título de "uma mudança de ares".

Este conjunto de circunstâncias explica suficientemente um fracasso.

CONDECIONALISMOS EXTERNOS

Os Padres do Bom Pastor, segundo as suas Constituições, viviam sob a obediência do Bispo de Montpellier.

De início estes condicionalismos vieram da parte de Mons. Le Courtier, cuja correspondência com o Pe. Gailhac até prova o interesse que ele tinha pelo Bom Pastor. No entanto, as necessidades diocesanas, por exemplo a fundação da paróquia de St. Judas, retiraram os Padres Rēdier e Moudens do Bom Pastor onde, tinham entrado pouco antes, facto que lhes empobreceu o noviciado.

A nomeação do Pe. Birouste para Vigário Geral de Bēziers veio também trazer novas dificuldades. O Pe. Gibbal tentou obter para o Pe. Gailhac, poderes sobre as duas Comunidades, pelo menos equivalentes ou iguais aos que tinha o Pe. Birouste. Apenas conseguiu obter a confirmação dos poderes concedidos pelos Bispos anteriores.

Quanto a Mons. de Cabrières, não poderá afirmar-se que se tenha oposto claramente ao Bom Pastor. Todavia as suas preferências iam para o Clero secular. "Uma vez Bispo, ao tomar posse do lugar, veio encontrar certas dificuldades ainda por resolver que o seu antecessor já

tinha da parte de alguns sacerdotes que discordavam do Pe. Gailhac e o acusavam de uma certa independência em relação à autoridade episcopal. No Paço Episcopal reinava um certo receio da influência aí exercida pelos religiosos." (Declaração do Pe. Sécail s.j.)

É igualmente provável, segundo o Cônego Thomas, pároco de St. Aphrodise, que o Pe. Rédier, nomeado secretário do Bispo, tenha posto de sobreaviso Mons. de Cabrières: Com efeito, em 1883, o Bispo queixou-se a Mons. Augé da nomeação de um Cardeal Protector. Sabe-se isso através de uma carta de Mons. Augé para a Madre St. Félix Maynard, na qual ele relata as censuras em que teve de incorrer por parte de Mons. de Cabrières pela nomeação de um Cardeal Protector do Pe. Gailhac. "Logo que sua Excelência me viu, escreve Mons. Augé, teve uma exclamação e acrescentou: - Monsenhor temos algumas contas a ajustar consigo". Eu respondi-lhe imediatamente: "- que contas, Senhor Bispo?" Ao que ele replicou: "- Conseguiu um Cardeal Protector para o Pe. Gailhac e é por isso que ele se vangloria de estar plenamente fora da minha jurisdição". Mons. Augé respondeu que não acreditava que o Pe. Gailhac tivesse tido a intenção de se subtrair à jurisdição do Bispo. "Depois desta resposta, continua Mons. Augé; Mons. Cabrières mostrou-se mais humano e passou mesmo a elogiar o Pe. Gailhac e a sua Comunidade".

Chega-se à conclusão que Deus quis esta Obra para realizar, através dos seus membros, determinados desígnios do Seu plano de Redenção. Atingindo este fim, os Padres e Irmãos do Bom Pastor podiam deixar de existir.

PADRES DO ESPÍRITO SANTO

Uma vez extinta a Congregação dos Padres do Bom Pastor, cujos membros deviam antes de tudo acompanhar espiritualmente as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e as obras criadas pelo Pe. Gailhac, este, a primeira coisa que pensou foi substituí-los pelos Padres do Espírito Santo. Estes Padres eram muito dedicados às nossas casas do Porto e Braga, cujas fundações datam de 1871 e 1877, respectivamente. Dedicção quer no plano espiritual quer no temporal, ajudando em todas as dificuldades. A correspondência deste tempo para a casa generalícia, actualmente em Roma, assim o atesta.

O Pe. Gailhac pediu, pois, por intermédio do Pe. Eigenmann, que trabalhava nas nossas casas do Porto e Braga, ao Superior Geral dos Padres do Espírito Santo, o Pe. Emonet, para que os seus Padres assumissem junto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o papel até aí desempenhado pelos Padres do Bom Pastor. O Pe. Eigenmann comunicou-lhe que o seu superior não tinha aceiteado, mas que não desanimasse que ele mudaria de opinião. Novas obras solicitavam, neste momento o superior. Diante desta recusa o Pe. Gailhac voltou-se para os Padres Jesuitas e foi nesta altura em que as "negociações" se efectuavam com estes últimos e estavam bem encaminhadas, que chegou uma carta pessoal (pequeno formato, de quatro páginas, agora no Arq. da Casa Generalícia) do Pe. Emonet, aceitando o pedido feito pelo Pe. Gailhac. Era demasiado tarde. Isto trouxe, aliás, uma situação difícil para as nossas casas de Portugal, por não haver na altura casas de jesuitas onde nós já tínhamos fundações.

TRANSFERÊNCIA DOS EDIFÍCIOS

PARA OS PADRES JESUITAS

Vicissitudes da sua instalação (1887 - 1919)

Começamos pela transferência dos edifícios para os Padres Jesuitas, transferência que não se efectuou sem

dificuldades, tanto para a doação dos mesmos como para a instalação dos religiosos.

O Pe. Gailhac vendeu o terreno e todos os edifícios do Bom Pastor ao Senhor Gontiê, marido de Marie Louise Elisabeth Lapeyre, escritura feita pela senhora Crosals, notária em Béziers. Antes do seu falecimento, o senhor Gontiê tinha deixado a sucessão de todos os seus bens a sua esposa, por escritura notarial, feita pela senhora Pouget, notária em Pézenas, em 11 de Fevereiro de 1885. Falecido o senhor Gontiê em 26 de Maio de 1886, a viúva torna-se proprietária dos imóveis do Bom Pastor.

Estes imóveis tinham sido vendidos ficticiamente pelo Pe. Gailhac ao senhor Gontiê, com a obrigação por parte deste de os entregar aos Padres Jesuitas logo que estes tivessem autorização do Padre Geral para deles tomarem posse. O senhor Gontiê, ao morrer, deixa os bens e os títulos a sua esposa. Os Padres Jesuitas, não tendo podido tomar posse dos imóveis do Bom Pastor, em consequência das circunstâncias políticas, compraram-nos em nome de um dos seus padres com o fim de libertar deste encargo a senhora Gontiê. Foi assim que o Pe. Charles de Lajudie s.j. se tornou proprietário legal, segundo os termos de uma escritura passada pela senhora Bonfils, notária em Montpellier, a 22 de Agosto de 1892, na qual o dito sacerdote é declarado "proprietário, celibatário, maior".

Como acabamos de ver, a chegada dos Jesuitas não se pode efectuar com a rapidez desejada. Será interessante seguir as vicissitudes sofridas com a sua instalação. Foi através do Pe. Guizard, s.j., que se puderam reconstituir os factos.

Em 1887, o Pe. Michel não aceita a doação do imóvel - segundo notas tiradas em Roma dos Arquivos dos Jesuitas, pelo Pe. Guizard, s.j. - sem que isso constituisse uma recusa absoluta.

Depois do falecimento do Pe. Gailhac, portanto em 1890, a oferta foi aceite.

Em 13 de Novembro de 1891, o Pe. Anderledy, Geral da Companhia, escreveu ao Pe. Calvet, Provincial em Toulouse: "Disse-me na sua carta de 2 de Dezembro, que

uma casa em Béziers estava pronta para a instalação de uma residência, que o Pe. Fundador deixou à senhora Gontíe, herdeira de seu marido falecido, com a obrigação de no-la entregar; e que a senhora Gontíe insiste conosco para a aceitar e assim a desligar das respectivas obrigações. Está de acordo com os seus consultores, em aceitar a casa? Estude o caso e decida.

Em 4 de Maio de 1892, o Pe. Calvet escreve ao Pe. Anderledy dizendo que os Padres consultores estão de acordo em aceitar a casa.

Em 22 de Maio de 1892: "Autorizo a compra da casa junto da igreja" escreve o Pe. Anderledy ao Pe. Calvet.

Em 1891 e no princípio de 1892, a senhora Gontíe concorre para a realização.

Ao longo do primeiro semestre de 1892, há uma brusca mudança da parte da senhora Gontíe e da Madre St. Félix, Superiora Geral, isto depois da Madre St. Félix ter recebido uma carta do Pe. Calvet, datada de 27 de Abril de 1892.

Receios com fundamento, notava o Pe. Guizard, bastante tempo depois, a 31 de Agosto de 1952: "...se o imóvel comprado em nome do Pe. Charles de Lajudie tivesse sido logo ocupado em 1901 pelos jesuitas, não teria certamente escapado à confiscação."

Em 11 de Novembro de 1892, o Pe. Charles de Lajudie tendo sido substituído em Montpellier por ordem do Pe. Calvet, Provincial, escreveu à Madre St. Félix dizendo que está livre para vir.

A 23 de Novembro de 1892, os Padres Jesuitas não têm ainda alojamento em Béziers e a Madre St. Félix teme pela sua vinda...

Em 27 do mesmo mês e ano persiste o receio da Madre St. Félix. No entanto tudo mostra que Deus quer que os Padres Jesuitas venham para Béziers.

Em 17 de Setembro de 1893, um Pe. Jesuita, cuja assinatura é ilegível, escreve à Madre St. Félix dizendo que virá celebrar a Eucaristia ao Bom Pastor e confessará a Comunidade.

INSTALAÇÃO DOS PADRES JESUÍTAS

EM BÉZIERS (1918-1955 ou 56)

Em 1905 ou talvez Outubro de 1906, em consequência das leis que em França interditaram às Congregações Religiosas o ensino, o Internato da Casa Mãe fechou.

As senhoras Duget, perceptoras em famílias abastadas, auxiliadas por professoras leigas, mas cristãs, receberam a maior parte das nossas alunas nos edifícios do Bom Pastor. Mais tarde foram substituídas pelas Senhoras Daraigne.

O Pe. Maynard permaneceu no Bom Pastor até 1912, ano em que faleceu. A Irmã Pauline Mas cuidava do seu quarto e da roupa. Como ele era o capelão do Orfanato, ali celebrava a Eucaristia todos os dias. Em seguida, conversava com a irmã, M. St. Félix, na salinha que ainda hoje tem o nome de "sala da Madre St. Félix" porque foi aqui que ela passou a maior parte do seu tempo, de 1905 a 1922, ano em que o Senhor a chamou a si.

Em 1913, dois Padres Jesuitas asseguram a capelania do Bom Pastor, e alojam-se na rua Barbeyrac, em Béziers, porque o edifício do Bom Pastor estava ocupado pelo Internato Daraigne. Só em 1919, os jesuitas se instalam na casa do Bom Pastor (testemunha do Pe. Eujalbert s.j.). Parece contudo que só em 1921 a sua presença foi reconhecida oficialmente, pela Constituição da Sociedade Civil, chamada "Sociedade Católica do Bom Pastor".

Quanto ao Internato de "Ste Anne" em 1919 passou para os antigos edifícios do Internato da Casa Mãe, durante dois anos. Foi com a aprovação da Madre Ste Constance Farret, Superiora Geral, que se fez esta mudança porque antes de secularizar as religiosas, elas queriam ter a certeza de que os poderes públicos aceitariam ou tolerariam a abertura de uma Escola Livre no edifício de uma casa religiosa.

Em Outubro de 1921, as religiosas do Sagrado Coração de Maria, secularizadas, substituem as Senhoras Daraigne, com uma Directora de Estudos leiga, chamada Albisson, falecida em 1971. Nos começos, o ensino foi só primário, mas rapidamente evolui para o secundário.

Em 1919 a Irmã St. Jean Barthès era nomeada Directora do "Cours St. Jean", nome dado ao antigo Internato do Sagrado Coração de Maria, em memória dos Fundadores.

Em 1955 ou 56, os Padres Jesuitas, por falta de vocações, queriam fechar a residência de Béziers. Por outro lado, o "Cours St. Jean" precisava de ser aumentado. Foi por isso que os edifícios e a capela do Bom Pastor foram postos à venda e comprados pela nossa Comunidade. Foi a Madre Gérard Phelan, Superiora Geral, que autorizou a compra e ajudou a cobrir as despesas.

Em 1970, os cursos primários e técnicos do "Cours St. Jean" funcionavam neste edifício.

Em 1971-72 o curso técnico passou para o "Cours St. Jean" na rua Ermengaud.

MADRE S. JEAN CURE-PELISSIER

REVALIDAÇÃO DO CASAMENTO

DE PELISSIER-DURAND

Num registo paroquial de MURVIEL-LES-BEZIERS, de clara-se que o casamento PELISSIER Etienne Baptiste, proprietário e Presidente da Câmara Municipal de Murviel com Marie Durand pai e mãe de Apollonie Pélissier foi revalidado a 2 de Maio de 1807 em virtude de um Indulto do Papa Pio VII após um decreto do Bispo de 13 ou 15 de Maio de 1804 (Casamentos revalidados).

LOCALIZAÇÃO EM MURVIEL

DA CASA DOS PELISSIER

Os Pélissier moravam na rua Pierre Rouant (nome desta rua em 1970), como certifica a 27 de Março de 1969 Jean Pélissier, sobrinho neto da Madre St. Jean Cure-Pélissier. A casa tinha escrito em letras encarnadas - Casa Pélissier-Roque. Foi construída por Jean Clément Napoléon Pélissier, irmão da Madre St. Jean Cure Pélissier. Nesta casa Roque-Pélissier nasceu Madeleine Pélissier, senhora Suchet, enquanto que seus irmãos

Jean e Gaston nasceram em Béziers. Esta casa Roque-Pélissier foi dada em herança à jovem Pélissier, filha de Gaston Pélissier e de Martel de Lodève, que casou com o Senhor Jean Roque. Em 1972 a casa Roque-Pélissier foi vendida, mas a quinta e a propriedade vinícola continuam pertença dos Roque-Pélissier.

NASCIMENTO DE MARIE-APOLLONIE

E SEU TEMPERAMENTO

Marie Apollonie Pélissier nasceu a 2 de Fevereiro de 1809. Além do pai e mãe a pequenina recém-nascida veio encontrar mais dois irmãos, Jean Baptiste Joseph de quinze anos e Jean Clément de oito aproximadamente. A irmazinha que, talvez seus pais receassem perder como aconteceu com a mais velha que faleceu com dois meses, desenvolveu-se, sem problemas de saúde. Morena, de olhos negros, alegre, impulsiva, afectuosa, um nadinha susceptível, cheia de vida, de imaginação e sobretudo dotada de uma natureza muito franca e muito recta.

MORTE DE JEAN BAPTISTE JOSEPH

Marie Apollonie tinha oito anos quando faleceu o seu irmão Jean Baptiste Joseph com vinte e três anos. Parece que o funeral e a ausência do irmão mais velho marcaram a sua sensibilidade, fazendo-a reflectir. Primeiro luto, primeiro sofrimento.

COLEGIAL

Com que idade entrou para o colégio a Marie Apollonie? A pergunta fica sem resposta. Qual foi o colégio? Provavelmente o colégio Mathon na rua Lespignan, nº18. Em 1972 rua dos Docteurs Bourguet. O arquivista da Biblioteca Municipal (1965) assinalou a existência deste colégio em 1841, mas não conseguiu encontrá-lo nos anos anteriores.

A primeira comunhão e a confirmação tiveram lugar na catedral de St. Nazaire em Béziers.

Quanto à piedade de Marie Apollonie, basta dizer que a mãe, cristã convicta e muito sensível ao sofrimento dos pobres, terá lançado por palavras e obras no coração da filha sementes que deviam mais tarde dar os frutos que veremos.

CULTURA

Sob o ponto de vista de cultura, apenas alguns dados. Um caderno e duas folhas mostram a sua aplicação e interesse. Se aproximarmos este testemunho de um outro mais extenso, trinta e três cartas dirigidas ao nosso Padre Fundador, podemos concluir que o nível intelectual de Marie Apollonie ultrapassa o das mulheres do seu tempo.

OS CURE D'AUTIGNAC

Folheando os registos D'Autignac podemos verificar que eram numerosos. Jacques Cure, era filho de Marie Anne Mas e Charles Cure, Conselheiro do Rei e Presidente da Câmara d'Autignac. Jacques Cure, advogado, Juiz de Paz e rico proprietário de bens de raiz casou com Catherine Martin, falecida a 7 de Janeiro de 1830. Nesta época viviam em Autignac, numa casa situada no quartier de La Place, chamada "du dedans". Em 1966 o senhor André Cure d'Autignac, nascido em 1890 afirma ter sempre ouvido dizer que o presbitério actual tinha sido a casa de Jacques e de Eugène Cure. A casa sendo pertença dos cure, teria passado para as Martin e seu sobrinho, George Bernard, herdeiro por parte de sua mulher, das Martin. George teria cedido a casa ao Bispo.

EUGENE CURE

Charles Antoine Catherine Eugène Cure, nasceu em 1802. Teve pelo menos um irmão mais velho, nascido em 1800 e falecido com dezassete anos. Eugène Cure teria pensado no sacerdócio, mas seu pai mandou-o para Toulouse estudar direito e lá se formou.

As famílias Pélissier e Cure estavam muito ligadas.

Daí surgiu o desejo da união de Marie Apollonie com Eugêne, desejo aliás partilhado pelos futuros cônjuges. Do lórosos acontecimentos iriam dar-se antes desta união.

MORTE DO SENHOR E DA SENHORA PELISSIER

A 21 de Novembro de 1830 Marie Apollonie perdia a mãe. Antes de deixar este mundo, confiou a filha à Santíssima Virgem, colocando-a sob a sua protecção. Legava-lhe também um grande amor aos pobres.

A 8 de Janeiro de 1831, Deus chamava a si o senhor Pelissier.

OPOSIÇÃO FAMILIAR

Aproveitando a situação, o tio Pelissier e a esposa quiseram, com prejuízo da sobrinha, que o irmão desta herdasse a maior parte da fortuna que a ela pertencia por direito. Prevendo que o senhor Cure fizesse prevalecer os direitos da esposa, se o casamento se viesse a realizar, tentaram impedi-lo. Numa quinta-feira vieram a Murviel e fizeram correr o boato de que o casamento já não se realizava. Um dia, em que as duas famílias jantaram juntas em Murviel, isto entre Janeiro e Abril de 1831, a tia Pelissier, após a refeição, chamou a sobrinha à parte e tentou convencê-la de que a sua situação financeira, pelo facto da morte dos pais, tinha mudado e que eles, seus tios, iriam arranjar-lhe um outro partido.

Marie Apollonie, ainda profundamente marcada pela perda recente de seus pais, vai dar provas do seu auto domínio e da sua força de carácter. Querem opor-se a uma união querida pelos seus pais, querida por ela própria, querem lesar os seus direitos e a sua rectidão. Não, ela será fiel à promessa de noivado, custe o que custar. Não responde à proposta feita, mas o seu silêncio foi bem significativo.

Não sortindo efeito a tentativa, vão experimentar nova tática beneficiando sempre o irmão. Fizeram uma avaliação dos bens e, segundo Marie Apollonie, cuja rectidão é conhecida, esta avaliação era inferior à re

alidade. "A fortuna colossal de meu pai era conhecida". A herança paterna e materna a partilhar igualmente pelas dois irmãos era 338.000 francos.

Esta proposta foi-lhe feita inúmeras vezes, a tempo e a contratempo, com insistência e por fim até com ameaça, isto durante cerca de dois meses, dois meses de dura luta. Marie Apollonie chama a testemunhar os habitantes de Murviel.

Entim, a 4 de Abril de 1831, o casamento era fixado para 12 de Abril. A jovem temendo a realização de ameaças bem concretas (nada mais, nada menos, que matar os dois senhores Cure) feitas por uma pessoa "que eu não direi quem é, mas que o meu irmão conhece e pode dizê-lo", assinou a tremer. Cinco dias depois, esta assinatura era convertida em acto público. Apesar disso, Marie Apollonie, só recebeu 150.000 francos em vez de 169.000 que lhe eram devidos, segundo o acordo feito. Foi por isso que ela tentou acusar perante os tribunais aqueles que tinham assim agido contra o direito. Não se sabe qual foi o prosseguimento deste processo, mas o rascunho do documento encontrado e conservado nos arquivos do Sagrado Coração de Maria permitiu reconstituir os factos precedentes.

FORTUNA CURE-PELISSIER

Tentaremos na medida do possível apresentar alguns dados sobre a fortuna do casal Cure-Péllissier. Como acima se disse, a fortuna Péllissier era de 338.000 francos. Marie Apollonie, por ocasião do seu casamento, recebeu 150^{mil} francos, além das jóias. Terá ela obtido o reembolso da parte da herança que injustamente lhe tinha sido retirada, com uma acção judiciária que parece ter sido feita após o seu casamento? Não se sabe. No que diz respeito à fortuna do senhor Cure, pode-se avaliar em 200.000 francos. No total 350.000 francos. Se admitirmos que este capital aumentou 10% durante os dez^{anos} ^{mele} anos de casados (1831-1848), temos aproximadamente um total de 367.000 francos em 1849, quando Marie Apollonie entrou em religião. É muito para a época!

CASAMENTO

O casamento civil de Cure-Pélissier, teve lugar a 11 de Abril de 1831. Quanto ao casamento religioso, até 1972 não foi possível encontrar provas escritas. Poderão continuar a fazer-se investigações.

TESTAMENTOS DE 28 DE DEZEMBRO DE 1831

A 28 de Dezembro, os esposos Cure-Pélissier que se tinham casado com separação de bens, redigiram se paradamente um pequeno testamento hológrafo, segundo o qual cada um deixava ao outro, em caso de morte, a universalidade dos seus bens. "Eu abaixo assinado, Charles Antoine Catherine Eugène Cure, advogado, mora dor em Autignac, deixo e lego a Apollonie Pélissier, minha querida esposa, a universalidade dos bens que eu possuir quando da minha morte para que ela disponha deles como muito bem entender.

Autignac, vigésimo oitavo dia de Dezembro de mil oitocentos e trinta e um.

E. Cure."

"Eu abaixo assinada, Marie Apollonie, moradora em Autignac dou e lego a Charles Antoine Catherine Eugène Cure, meu querido marido, a universalidade dos bens que possuir quando da minha morte para que ele disponha deles como muito bem entender.

Autignac, vigésimo oitavo dia de Dezembro de mil oitocentos e trinta e um.

Apollonie Pélissier Cure."

CERTIDÃO DO CONTRACTO CIVIL

CURE-PELISSIER

Como já foi dito o casal Cure-Pélissier fixou residência em Autignac. Com efeito no contracto civil de ca samento Cure-Pélissier, pode ler-se: Artigo 3: o senhor Cure, pai em virtude deste casamento faz doação ao senhor Eugène Cure, seu filho, de todos os seus bens, pre-

então, tomando posse dos mesmos à sua morte à excepção de metade da casa que ele habita em Autignac, no bairro da praça chamada "du dedans". Do mesmo modo metade do recheio do lado da praça com a cláusula que a cozinha, a escada, o corredor e a porta de entrada serão comuns ao doador e ao donatário. O valor locativo desta casa está avaliado em 100 francos.

Depois de 1831, sem se saber ao certo a data, o casal adquiriu um grande prédio em Béziers, Nº 43, das Avenidas Paul Riquet de onde a facilidade de relação com o Pe. Gailhac, muitas vezes convidado para a sua mesa. A senhora Cure começou então a relacionar-se com o Pe. Gailhac e em breve a exemplo de seu marido, tornou-se por confessor.

Reinava uma perfeita união neste lar tanto na partilha dos bens espirituais como temporais. Depois dos sofrimentos, lutos, provas familiares, Apollonie gozava da paz do lar e a alegria de poder, de acordo com o seu marido, auxiliar generosamente os mais pobres, os mais necessitados. Todos os infelizes se tornaram seus filhos já que Deus, nos seus desígnios misteriosos não lhes queria dar.

CAPELA REDONDA

Já atrás se disse que o senhor e a senhora Cure, primeiros benfeitores das obras do Pe. Gailhac tinham estado presentes na cerimônia de abertura do Refúgio. A cada necessidade urgente, a boa Cécile Cambon apresentava-se a ir a casa do senhor Eugène Cure e voltava sempre com alguma ajuda. São também de assinalar grandes dádivas. Por ocasião da abertura do Refúgio tinham ficado no pátio, pois a capela era uma divisão muito pequena e pouco conveniente. O Pe. Gailhac não podia emprender uma construção. Os seus recursos mal chegavam para a manutenção da casa. O casal Cure depois de ter consultado o pai do senhor Cure munuiu-se de projectos. Foi a senhora Cure, ao que parece, que sem o dar a entender, os submeteu à escolha do Pe. Gailhac. Ele preferiu uma capela redonda. Pouco depois, o senhor Cure chamava o

Pe. Gailhac para "um negócio importante". Foi neste dia que, em presença do architecto, escolheram o local. O senhor Cure propôs-se a pagar as despesas. No entanto, com uma grande delicadeza todos os recibos foram passados em nome do Pe. Gailhac. Na entrada da capela actual encontra-se uma lápide comemorativa que recorda o nome do benfeitor.

D.N.J.C.

Bono ovum pastori
hanc aedificavit
atque exornavit
ecclesiam orphanorum
beneficus
1947

Em 1949, quando da sua ampliação, a capela primitiva passou a ser a capela mor.

RESTOS MORTAIS DE EUGÈNE CURE

E DE SEU PAI

As duas urnas, contendo os corpos de Eugène Cure e de seu pai, foram trasladados a 22 de Janeiro de 1851, do jazigo da família, em Autignac, para a capela do Sagrado Coração de Maria.

A inscrição da cripta da Casa Mãe menciona também o corpo da mãe de Eugène Cure, mas o acto oficial da trasladação não o diz.

PROCURA DE COLABORADORAS

O Pe. Gailhac procurava quem consagrando-se totalmente a Deus, pudesse assegurar a continuidade das suas obras. Entre as suas dirigidas distinguia algumas e punha a prova a sua piedade e espírito de sacrifício. Era um bom director espiritual, mas austero para a época. Procurava levar a seguir-lhe o exemplo aqueles que mostravam capacidade de ascese. Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal corresponderam, pela sua docilidade, ao projecto de Deus sobre elas.

EULALIE VIDAL (Madre St^e. ~~Félix~~^{CROIX})

Eulalie Vidal nasceu em 1816 em Meyrues (Lozère), de uma família muito cristã. Recebeu uma educação completa sob todos os pontos de vista, assim como as outras três irmãs, duas das quais se fizeram religiosas (uma Irmã da Caridade de Nevres, a outra no Instituto de Nossa Senhora). A terceira fundou um lar.

Tendo a família fixado residência em Agde, as três irmãs abriram aí um Internato. Eulalie, a primeira no trabalho e na piedade, participava todos os dias na Eucaristia e isto às seis horas da manhã, tanto de inverno como de verão, muitas vezes esperando de joelhos que a porta da igreja se abrisse. Sob a sua influência, a família levava, ao que parece uma vida quase monástica. Tinha uma grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora. Como nesta época o mês de Maria não se fazia em público, todos os dias a família se reunia para o celebrar.

A sua vocação era o ensino. A ele se entregou em Millau, em Lodève, em Agde e finalmente em Béziers. Embora tivesse a seu cargo a direcção do Internato muito próspero, diz-nos o Pe. Maynard, deixou-o generosamente para se consagrar à obra difícil do Pe. Gailhac.

Depois da morte da Madre St. Jean Cure Pélissier (1869) foi eleita superiora geral em 1 de Maio de 1869. Durante o seu generalato fundaram-se as cinco primeiras casas e os arquivos possuem uma importante correspondência dela com as suas religiosas missionárias. Faleceu a 4 de Setembro de 1878.

ROSALIE GIBBAL

Rosalie Gibbal nasceu a 4 de Setembro de 18²⁵ em Cabian (Hérault). Era irmã do Pe. Gibbal. Tinha uma outra irmã que casou. Era de família cristã. Não conheceu o pai que faleceu no ano do seu nascimento e perdeu a mãe aos dezasseis anos. O irmão ficou seu tutor. Queria consagra-se a Deus nas Filhas da Caridade. Para consolidar a vocação, o irmão aconselhou-a a esperar o que ela fez, dedicando-se aos pobres, aos doentes aos

deserdados.

Quando seu irmão se estabeleceu em Béziers, ela teve a oportunidade de vir e aí se dedicar. A grande reputação de santidade do Pe. Gailhac levou-a a dirigir-se com ele e, a pouco e pouco, aceitou entrar na obra do seu director parecendo-lhe ver nisso um sinal de Deus.

Tornou-se amiga de Eulalie Vidal.

A estas futuras candidatas juntaram-se Cécile Cambon e Rose Jeantet, há muito dedicadas ao Pe. Gailhac e às suas obras e ainda Marie Roques, vinda de Revoltarié, no Aveyron, para Béziers, afim de se empregar. Uma doença fê-la voltar a casa esperando que o Pe. Gailhac a chamasse.

EXPECTATIVA

Estamos no começo de 1848. O Pe. Gailhac parece ter já pessoas capazes de substituir as Irmãs de St. Joseph. E todavia não é capaz de se decidir a dar o passo. Há que esperar, esperar um sinal preciso de Deus. Qual? Estava longe de ter a menor ideia.

TESTAMENTO DE 3 DE MARÇO DE 1847

Vimos quanto o senhor e a senhora Cure eram dedicados às obras do Pe. Gailhac: a dádiva da Capela Redonda, e a entrega da sua vida, como diz o Pe. Maynard, quando um deles morresse. Por sua vez, o Pe. Gailhac confiava em absoluto, no seu amigo, o senhor Cure, a ponto de a 3 de Março de 1847 redigir um testamento hológrafo, em boa e devida forma, constituindo o senhor Cure, advogado e proprietário, seu herdeiro universal.

MORTE DE EUGÈNE CURE

Em dois de Novembro de 1848, o Pe. Gailhac tinha estado com o senhor Cure. Na noite seguinte foi chamado de urgência à cabeceira do seu amigo e só teve tempo de lhe dar uma última absolvição. Secumbia com um derramamento cerebral.

Datado de 4 de Novembro de 1848, o Pe. Gailhac re

dige um segundo testamento holografo constituindo a viúva Cure-Pélissier herdeira universal dos seus bens.

DECISÃO DA SENHORA CURE

Os acontecimentos precipitam-se, ou melhor, Deus mostra claramente ao Pe. Gailhac o caminho a seguir. A senhora Cure, dorida ainda pela perda inesperada do marido, mas perfeitamente lúcida e esclarecida na fé, oferece-se com todos os seus bens ao Pe. Gailhac. "Eu entendo que Deus o quer. Chamando a si o nosso querido amigo não mostrou claramente a Sua vontade?"

Manifestou Deus "claramente a Sua vontade?" É o que o Pe. Gailhac diante desta perspectiva providencial se interroga. Esperemos ainda, reflitamos, rezemos e, antes de qualquer decisão, consultemos o nosso Bispo. Mons. Thibault, depois de tudo bem ponderado, declarou que se devia deixar a senhora Cure seguir a sua vocação. Foi apresentada a Eulalie Vidal e a Rosalie Gibbal, alegremente prontas a consagrarem-se ao serviço dos pobres.

Em 15 de Fevereiro de 1849, a senhora Cure comprava um terreno onde foi construído o Internato.

Possuimos algumas palavras do Pe. Gailhac dirigidas à senhora Cure, datadas de 23 de Fevereiro de 1849. "Minha filha, Deus está conosco. Ainda um pouco de sofrimento, mas as coisas arranjar-se-ão. Não posso ir aí esta tarde. Amanhã vou visitá-la e espero que será o dia da sua entrada. Deus e Maria hão-de dar-lhe coragem. Lá chegaremos com a ajuda de Deus".

A 24 de Fevereiro, um sábado, data fixada por Mons. Thibault, às seis horas da tarde, um carro conduziu a senhora Cure, Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal, ao Bom Pastor, onde "oficialmente" se ofereceram ao Pe. Gailhac. Estavam presentes Cecile Cambon e Rose Jeantet. Nesta altura havia 84 crianças.

Foi silenciosamente que o Instituto começou. Alguns dias mais tarde, a 18 de Março de 1849, o "Courrier de Béziers" anunciava a entrada da senhora Cure no Refúgio. Era tornar público ao mesmo tempo que o dom da sua pessoa, o dom de todos os seus bens, a Deus, nos seus pobres. Era também fazer acordar na sua família a questão

da herança que ela vai procurar recuperar custe o que cus
tar.

DIFICULDADES DE COMEÇO

Alguns dias antes da entrada da senhora Cure e das suas companheiras correu o boato entre as raparigas do Re fúgio que novas professoras muito severas vinham substi tuir as Religiosas de Marie Joseph. Haveria muito traba lho, menos alimentação, iriam morrer de fome...

Os começos foram pois dolorosos. Revolta. "Foi preci so recorrer à polícia, escreve a Madre St. Félix, para as atemorizar e acalmar".

As atitudes de insubordinação multiplicavam-se. Os castigos sô foram cumpridos mediante uma perseverante fir meza exercida pela Madre St. Félix (pormenores significa tivos nas suas notas). Não trabalham, fazem "caracóis"... A nossa querida Madre, escreve a Madre St. Félix, foi ver dadeiramente admirável em bondade, suavidade e dedicação junto destas raparigas. Não ligou nem às suas grosserias, nem às suas pertinências. "A sua bondade e mansidão perma neceram inalteráveis". Num dia em que elas se obstinavam em não cumprir o que a Madre St. Jean, tão boa e tão ma ternal lhes ordenava, escreve a mesma testemuha ocular, chegou entretanto o Pe. Gailhac, que lhes deu uma boa re preensão". "Procurou saber a quem se devia atribuir a ori gem da desordem. Vendo que a insubordinação continuava, mandou embora sete no mesmo dia."

"A pouco e pouco esta obra foi suprimida por um segun do Orfanato, onde se acolheram crianças mais novas". Este segundo Orfanato chamou-se "Preservação" como já foi dito. As raparigas não eliminadas foram para o Refúgio de Mont pellier e outras fizeram-se irmãs oblatas.

Todavia e sempre segundo a Madre St. Félix, este cli ma difícil prolongou-se durante o seu Postulantado e par te do seu Noviciado. Acalmou nos começos de 1851. Foi pre ciso quase dois anos de trabalho, de paciência e oração pa ra que o Orfanato adquirisse um clima normal e benéfico para as crianças.

VIDA DE COMUNIDADE

O Pe. Gailhac tinha colocado a senhora Cure à frente de um pequeno grupo tão qualificado. Pertencia-lhe a direcção espiritual e material, ajudada por Eulalie Vidal. Rosalie Gibbal viria a ser a mestra de noviças, mas, nos primeiros começos haverá apenas um mestre de noviças, o Pe. Gailhac. Era ele que fazia as conferências, meditações quotidianas, retiros e dava direcção espiritual. Procurando vencer as dificuldades já citadas, a senhora Cure melhora a alimentação das crianças, examina o vestuário, renova o calçado, roupas e cobertores. Vê rapidamente as reparações, modificações e melhoramentos a fazer para o bem de todos. Pouco a pouco, sob a sua inteligente orientação, a casa muda de aspecto. Não se contentando só com a orientação da casa, mete também mãos à massa como se costuma dizer, dando catequese, ensinando a ler e a contar, ocupando-se da higiene das crianças que chegam de meios miseráveis, etc.

Quanto a fazer reuniões à comunidade, não ousará durante muito tempo. Foi encontrado o rascunho da primeira conferência que o Pe. Gailhac teve de lhe redigir.

Num pequeno escrito sobre a nossa Madre Fundadora, provavelmente redigido pela Madre St. Croix, verificamos que a Madre St. Jean enriquecia com todas as suas qualidades de alma e de coração os ensinamentos do Pe. Gailhac. Adaptava-os aos tempos e às pessoas. Sempre acolhedora, esclarecida, confortava, apoiava, suavizando a acção enérgica do Pe. Gailhac. Numa palavra, ela era a Mãe.

PNEUMONIA

Uma pneumonia (data não precisa), pôs em perigo a sua vida. Rezávamos por ela, mas a ausência "da Mãe" teve como consequência um certo espírito de desunião entre as filhas... Enfim, curada a Madre St. Jean voltou a irradiar a sua maternal bondade, pacificou os corações, fortificou os ânimos, decuplicou as energias.

AUMENTO DE RELIGIOSAS

Às cinco primeiras que entraram em 24 de Fevereiro de 1849, vieram juntar-se, a 15 de Setembro do mesmo ano, Marie Roques que virá a ser a Irmã Agnès. A 15 de Outubro Marie Maynard com dezoito anos, irmã do Pe. Maynard, padre do Bom Pastor e primeiro biógrafo do Pe. Gailhac, futura Madre St. Félix, terceira Superiora Geral, nascida em Millau, Aveyron, a 12 de Outubro de 1831 e falecida em 1922 e Jeanne Froment que será a Madre St. Cyprien, falecida a 4 de Julho de 1856.

APROVAÇÃO

O Pe. Gailhac ocupava-se agora em aperfeiçoar as Constituições das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, assim como as dos Padres do Bom Pastor, que o Bispo reclamava. O original das nossas Constituições está em Roma, na casa Generalícia, autenticado com o selo do Bispo. Segue-se o texto da aprovação e autorização da primeira tomada de hábito

Nós, Charles Thomas Thibault, pela misericórdia Divina e a graça da Sé Apostólica, Bispo de Montpellier, declaramos aprovar as Regras e Constituições cujo texto segue com as correcções anotadas pela nossa mão e abençoar esta Obra que colocamos sob a especial protecção da Virgem Maria, Mãe de Deus e cujo Instituto honra com um culto particular o seu Sagrado Coração.

Autorizamos o Pe. Gailhac, Fundador, a dar o hábito do Instituto do Sagrado Coração de Maria a aquelas das suas filhas que lhe parecerem suficientemente preparadas, no sábado véspera do domingo do Bom Pastor.

Montpellier. 8 de Abril de 1850
+ Charles, Bispo de Montpellier

TOMADA DE HÁBITO

Um contratempo imprevisto impediu Mons. Thibault de presidir à cerimônia da vestição, na qual as oito primeiras postulantes receberam o hábito religioso. A Madre St. Félix nota que este impedimento providencial lhes proporcionou a alegria, legítima, sem dúvida, de o receber das próprias mãos de Fundador.

PROFISSÃO PERPÉTUA

Segue-se um ano de noviciado, partilhado entre a formação religiosa e a assistência às crianças. O dia 4 de Maio de 1851 marca a data da Profissão Perpétua das noviças. Foi na capela. Veio muita gente, por simples curiosidade, simpatia e outros sentimentos à mistura... Desta vez o Bispo esteve presente. Ele tinha pensado que após a tomada de hábito, as críticas, hostilidades, calúnias e denúncias ao Episcopado se acalmariam, mas isso não aconteceu. Por esta razão é que Mons. Thibault foi, no dia 2 de Maio a Béziers e no dia 3 esteve em particular com cada uma das religiosas que deviam fazer a profissão. A Madre St. Félix, apesar dos seus dezanove anos, mas tendo em conta os seus ardentes desejos e o testemunho do Pe. Gailhac, bem como o da Madre St Jean foi também admitida à profissão.

A 4 de Maio, o Senhor Bispo celebrou a Eucaristia enalteceu a vida religiosa, exprimiu publicamente a sua estima pelos dois fundadores, o Pe. Gailhac e a Madre St. Jean. Viu nas perseguições o sinal das obras de Deus e acrescentou: "Padre, eu persegui-o injustamente durante muito tempo, estava enganado e contudo não estou descontente porque a autoridade tem por dever certificar-se se as Obras para as quais lhe é pedida a autorização são de Deus. Só estas resistem à perseguição. Tive que o submeter à prova... A Madre dá um grande exemplo de renúncia e de dedicação consagrando-se a si e a sua fortuna ao alívio dos pobres. Deus a recompensará, eu lhe asseguro".

A Madre St. Jean Cure-Pélissier foi a primeira que se uniu a Deus para sempre e ouviu a voz do repre

sentante de Deus:

E eu minha filha, da parte de Deus e conforme a sua inviolável promessa, se fôrdes fiel às vossas promessas, prometo-vos uma vida melhor, e a vida eterna.

Depois da Madre St. Jean foram a Madre St. Croix Vidal a Madre St. Félix Maynard, Madre St. Cyprien Formet, Madre Marie Eustache, Irmã St. Aphrodise Cambon, Irmã St. Modeste Jeantet e Irmã Agnès Roques. *On de Jean saint Gailhac*

A Madre St. Marie Eustache tinha entrado no dia 1. de Maio de 1850 e recebeu o hábito no dia seguinte por já ter feito o noviciado noutra Congregação.

QUARTO VOTO

O nosso Fundador considerava como característica muito especial do nosso Instituto um zelo ardente pela salvação e santificação das almas. O zelo da salvação das almas será pois para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria o que a penitência é para outras religiosas. Esta característica exprimia-se num quarto voto:

...e eu consagro todos os dias da minha vida às obras de zelo que me prescrever a santa obediência.

Este quarto voto foi feito pelas nossas Irmãs antigas até 1873, ano em que Roma julgou que ele estava incluído no terceiro e mandou-o suprimir.

INTERNATO

Em 1850 inaugurou-se o Internato, tendo como directora a Madre St. Croix. A sua finalidade principal era ajudar a sustentar as casas de beneficência e, sem dúvida, também simultaneamente, fazer bem a esta classe da sociedade. (segundo "preciosas notas a conservar" da Madre St. Félix Maynard, existentes na casa generallícia).

O Pe. Gailhac, nos seus últimos anos (1884), dizia à Madre St. Félix: "sabe quanto estimo as casas de

beneficência, foi por estas pobres crianças que criei a casa Os orfanatos são o fundamento do edifício e sabe quanto me custaram a sustentar durante dezasse- te anos..." (Preciosas notas a conservar da M. St. Félix)

FRANCILLE GRANIE

A primeira aluna foi Francille Granié, sobrinha do Pe. Gailhac. Fez-se religiosa do Sagrado Coração de Maria com o nome de St. Eugène e foi superiora da casa de Seafield. Nasceu a 4 de Abril de 1842. Entrou no no- viciado a 2 de Outubro de 1859. Tomou o hábito a 17 de Maio de 1860. Fez a profissão perpétua a 19 de Outubro de 1862 e faleceu a 18 de Fevereiro de 1903.

ALGUNS ACONTECIMENTOS DE RELÉVO

A 22 de Janeiro de 1851 a Madre St. Jean mandou fa- zer a trasladação para Béziers das urnas do sogro e do marido, Eugène Cure. Encontram-se na cripta da capela da Casa Mãe. O processo verbal não menciona a urna da sogra Catherine Martin. O Pe. Gibbal foi encarregado das formalidades.

Em 1854 houve uma epidemia de cólera. Sô duas reli- giosas escaparam ao contágio, podendo desta forma cui- dar das irmãs e crianças doentes. Três crianças morre- ram.

Em 1855, o Pe. Olivier applicava no resgate dos ne- gros as esmolos recolhidas. Ia ao Egipto, ao mercado da Alexandria, comprava crianças procurando as mais caren- ciadas. Em seguida colocava-as em diferentes Comunida- des. Na sua primeira vinda à nossa casa trouxe sete. Uma muito doente faleceu no dia seguinte, tendo sido antes baptizada. As outras, bem acolhidas pelas companheiras aclimataram-se. Apesar dos carinhos dispensados a es- tas crianças desenraizadas, todas morreram muito novas. As irmãs tinham-se de tal modo afeiçoado a elas que sem- pre que uma morria era um novo sofrimento.

Foi em 1855 que se deu o que com verdade se pode chamar "a grande provação". Nesta época parecia que tudo caminhava com menos dificuldades.

Um dia Mons. Thibault disse ao Pe. Gailhac:

- Até que enfim, acabaram-se os sofrimentos.
- Não acredito, senhor Bispo, respondeu.
- Porquê?
- Porque Deus provou-me sempre e prova as pessoas que me têm acompanhado.
- Vai longe demais, meu caro Padre, replicou o Bispo, esquece que estou consigo.

Algum tempo depois o Pe. Gailhac tornou-se extraordinariamente triste. Redobrava de fervor, rezava muito e recomendava a todos para rezarem e se conduzirem bem.

Preocupado com o acabrunhamento do seu superior, o Pe. Gibbal, não podendo conter-se perguntou-lhe o motivo daquela sua tristeza. A resposta foi:

- Rezemos, rezemos, meu querido amigo, um grande desgosto nos ameaça.
- Como, respondeu o Pe. Gibbal, Deus abençoou todas as suas obras. O Pe. viu-as nascer, vê-as desenvolverem-se e crescerem. É este o momento que escolhe para se entristecer? Deveria sim, dar graças a Deus na alegria e não na tristeza. Saiba que toda a gente sofre por vê-lo sofrer. Que motivo tem para se atormentar deste modo?

O Pe. Gailhac respondeu:

- Esta tristeza é porque Deus vai provar-nos tenho a certeza disso. Antes dum grande sofrimento, Ele tem-me sempre prevenido por um período de grande fervor. E quanto maior era o fervor mais terrível a provação. Nunca me concedeu um fervor tão grande e tão prolongado como agora...
- Como? Não compreendo.
- É o seguinte, respondeu: antes de todas as provas, Deus concedia-me alegrias inefáveis depois da comunhão, na minha acção de graças estava fora de mim. Não era deste mundo. É uma felicidade inefável. Pois bem, há mais de oito dias que esta felicidade dura, que é maior que nunca. Assim, meu amigo, preparemo-nos pela oração e submissão à prova que aprover a Deus enviar-nos. Assegur-

po-lho que ela será dura: coragem e resignação.

"O Pe. Gibbal que até então não admitia de forma alguma que ele se afligisse dessa maneira, ficou abalado pelas palavras do seu superior. Ele próprio começou a temer". (citação do Pe. Maynard)

Mais ou menos oito dias depois, a Irmã St. Basile Jean Jean Claire (nascida em 1833, entrou no noviciado a 11 de Dezembro de 1853, e tomou o hábito a 21 de Maio de 1854. Fez a profissão perpétua a 16 de Setembro de 1855), caiu doente e, apesar dos cuidados e orações, faleceu a 18 de Setembro de 1855. Teve, aliás, a morte de uma santa.

É importante salientar que na margem do verso da primeira página do registo dos mortos, o Pe. Gailhac escreveu: "a sua morte prematura foi a causa inocente de uma das mais terríveis perseguições".

Por outro lado, a 25 de Agosto deste mesmo ano uma Irmã Oblata, Séraphine Cannac Claire Pascal tinha também morrido.

Como consequência destas duas mortes, a calúnia voltou ao ataque. Foram enviadas ao Prefeito duas cartas anónimas. Parece que, também ao Procurador Geral e ao Bispo, somente com a assinatura: "Paul Louis". Sob as formas mais insidiosas acusavam o Pe. Gailhac de homicídios, escondendo um crime ainda bem mais terrível. Estas cartas foram remetidas pelo Prefeito ao Sub-Prefeito, tendo este respondido.

Por ocasião do Processo Diocesano e Apostólico, em vista da beatificação do Pe. Gailhac, não se encontraram os originais das referidas cartas. Em 1 de Abril de 1963 foi encontrado, nos Arquivos do Departamento ainda não catalogado, o dossier "Affaire 1855". A Superiora Geral, Madre Rita Rowley, então em New-York, foi ditada informada em Maio de 1963. Eis a cópia da dactilografia dos originais.

Confidencial

Minuta

Montpellier, 27 de Abril de 1855

Senhor Sub-Prefeito de Béziers

Tenho a honra de lhe fazer chegar às mãos duas cartas que me foram dirigidas e cujo autor, sob o nome de Paul Louis a propósito de factos particulares que se teriam passado numa congregação de mulheres dirigida pelo Pe. Gailhac, atacam vivamente a conduta deste sacerdote.

Peço-lhe, Senhor Sub-Prefeito que se digne examinar estas denúncias e me faça conhecer, ao devolver-mas, o seu parecer fundamentado acerca do contencioso que elas comportam.

Aceite...

Ao Senhor Prefeito do Departamento de Hérault

É cumprir um dever levar ao conhecimento da autoridade um caso que ela poderia ignorar e que reconhecido como verdadeiro, deve provocar toda a sua severidade.

Uma rapariga Jeanjean fazia parte do pessoal de um convento chamado Refúgio, propriedade exclusiva do Pe. Gailhac e que ele dirige sem controlo da autoridade, com despotismo e segredo de um inquisidor. O rumor público faz saber aos pais desta rapariga que ela está gravemente doente há muito tempo. É em vão que ela solicita que a tratem. São excluídos, a mãe sobretudo, só o pai por raros e escasos momentos, obtém a permissão de a visitar.

Por volta do dia 17 deste mês esta rapariga está às portas da morte. Os seus numerosos parentes insistem cada vez mais em estar junto dela. Repelidos, conservam-se à porta do convento para, pelo menos acompanharem o funeral. Junto da cova, suplicam uma última vez e exigem quer vê-la. Uma recusa faz transbordar a sua indignação. Um deles atira-se pa-

ra cima do caixão esforçando-se em vão por arrombá-lo, atado como estava com cordas, contra o costume. Segue-se uma cena de gritos, de desordem, de escândalo, e mesmo de pancadaria. Os pais succumbem. São afastados e a terra cobre precipitadamente um cadáver e o público acrescenta: algum horrível mistério!...

O infeliz pai dispunha-se a pedir justiça e vingança mas poderosas influências prevaleceram sobre a sua situação de dependência.

A enormidade deste escândalo, tornando-se conhecido apesar de minuciosa precaução, despertou suspeitas que levaram ao cúmulo a indignação pública, traduzindo-se em ditos e rumores de uma gravidade extrema. Dizia-se: o que de grave poderia haver para afastar os parentes, sobretudo uma mãe, se não fosse o receio de uma investigação que há todo o interesse em evitar? O que tinha esta rapariga? Porque fazer mistério da causa da sua morte? A autoridade procurará esclarecer-se sem dúvida, mas que tenha em conta que as investigações deverão ser colhidas em várias fontes, ser persistentes, múltiplas e sérias. Terá que lutar com um homem que, aos olhos de alguns fanáticos da religião se fazem um pedestal pela ostentação de filantropia calculada, servindo-se sempre da religião para chegar aos seus fins gananciosos e interesseiros. Ontem quase pobre, hoje é rico e esta fortuna pessoal deve-a ao ascendente exercido sobre a fraqueza de espírito de alguns crédulos, particularmente uma viúva que se despojou em seu favor, excluindo os parentes necessitados. O carácter sagrado de que está revestido longe de moderar a sua cupidez parece uma máscara para desafiar impunemente a indignação pública e isso até (duas palavras ilegíveis) numeroso clero da cidade.

Uma cópia da presente foi endereçada ao Procurador Geral.

Queira receber Senhor Perfeito, a certeza do

meu profundo respeito.

Paul Louis

Béziers, 25 de Setembro de 1855

Ao Senhor Prefeito do Departamento de l'Hérault

Senhor Prefeito

A minha boa intenção servir-me-á, espero, pela insistência em lhe recordar um facto de que acabo de ter conhecimento, idêntico em gravidade àquele de que ontem me permiti pô-lo ao corrente.

A jovem Cannac de vinte anos, nascida em Béziers, dominada pela obsessão do seu director, o Pe. Gailhac, e ninguém poderia exercê-la mais fortemente do que ele, abandona a mãe a quem sustentava com o seu trabalho e entra no convento fundado pelo seu confessor. Esta infeliz mãe cruelmente abandonada pela filha, só muito raramente durante dois anos da sua ausência a pode visitar, repelida pelo Pe. Gailhac sob toda a espécie de pretextos sempre especiais.

À cerca de dois meses a família toma conhecimento, quase por acaso, que ela morreu e foi enterada havia já oito dias... A indignação da família explode em soluços e censuras, mas não conseguiu obter o mais pequeno pormenor.

No próprio cemitério onde (faltam palavras) a sua sepultura nem sequer tinha sido assinalada por uma cruz com o seu nome, como o exigem os estatutos da polícia. A indignação da justiça deve occupar-se deste assunto.

Nos princípios da Obra, o Bispo procura, por meio de medidas prudentes, evitar que o isolamento e o domínio único, absoluto, sem controlo, do Pe. Gailhac possa ter de repreensível ou vicioso. Aquelas que eram tão dignas de compaixão foram recebidas e encarregadas dos pormenores da casa. Mas, tornaram-lhes a estadia tão penosa que foi forçoso retirá-las. O rumor público e geral levou a que o senhor Gailhac tenha sabido tornar favorável o seu

superior por meio de um empréstimo de uma quantia considerável. O Bispo não tolerava infâmias certamente, mas a sua confiança enganada pode ter sido a causa de ele as ignorar.

Queira Senhor Prefeito, aceitar a certeza do meu profundo respeito.

Paul Louis

Béziers, 6 de Outubro de 1855

DECLARACIMENTO

Hérault
Béziers
Gabinete do Sub-Prefeito
Padre Gailhac
Denúncias

ba

Béziers, 6 de Outubro de 1855

Senhor Prefeito

Em resposta à sua carta de 27 do mês passado, tenho a honra de lhe devolver as duas denúncias que lhe derigiu um pseudônimo contra o Pe. Gailhac, Fundador do Convento do Bom Pastor, em Béziers, a respeito da morte de duas jovens que teria sido ocultada aos pais.

Jeanjean morreu com uma hemorragia intestinal. Tendo sido visitada pelo pai durante a doença. Faleceu em poucos dias sem que os pais tenham tido tempo de ir assistir aos últimos momentos. Quando morreu o seu corpo estava horrivelmente inchado e desfigurado. Puseram algumas dificuldades para a deixar ver. Não foi contudo recusada esta satisfação ao pai, à mãe e à irmã. O corpo foi colocado num caixão muito grande e que, no entanto, não teria podido contê-lo se uma corda não segurasse a tampa. Logo que o enterro saiu, alguns parentes e amigos de Jeanjean quiseram ver o seu corpo, mas seria imprudente descobrir um cadáver em putrefacção, por isso o cortejo não parou. Quando o caixão já estava na cova e jul-

gavam terminadas as orações da Igreja, uma amiga da defunta atirou-se para dentro e quis abri-lo, mas não a deixaram porque a vista de um cadáver em de composição adiantada teria impressionado profundamente os assistentes. O Pe. Gailhac apresentou queixa ao Ministério Público e quis proceder juridicamente contra as pessoas que perturbaram o fim da cerimônia opondo-se ao livre exercício do culto. O Ministério Público, depois de ter examinado o assunto, julgou prudente não dar seguimento.

A jovem Cannac era filha natural de uma mulher de má vida. Para fugir aos maus exemplos e mesmo às excitações da mãe entrou em religião. Desde a sua entrada no convento, nunca mais houve qualquer comunicação entre ela e a mãe. Eis por que quando da sua morte, a mãe não foi chamada para junto da filha e só a puseram ao corrente do seu falecimento alguns dias depois. Foi visitada por outros parentes e a sua morte foi comunicada a um tio que fazia as vezes de pai e que assistiu ao seu funeral.

De resto o Senhor Procurador Imperial que conhecia as mesmas denúncias requereu uma informação e certificou-se que não havia razão para continuar e que este assunto não tinha importância de espécie alguma. Se fizeram algum burburinho, foi motivado pelas numerosas animosidades que existem em Béziers, mesmo entre o clero, contra o Pe. Gailhac e contra a Directora da Casa do Bom Pastor.

Queira receber, Senhor Prefeito, a expressão dos meus respeitosos sentimentos

Sub-Prefeito
(assinatura)

RECURSO A MONSIEUR THIBAUT

O Pe. Gailhac estava quase aniquilado sob o peso e a gravidade das acusações. É neste momento que sua mãe, mulher de fé, lhe diz: "Gailhac, coragem, Deus é mais forte que os homens".

Ele escreveu a Mons. Thibault, mas não teve res-

posta. Por sua vez a Madre St. Jean também escreve. O rascunho da carta, ainda que sem data e sem assinatura, foi felizmente encontrado nos arquivos, identificado e localizado no tempo e no conteúdo. Eis a cópia:

Senhor Bispo

Adivinha sem dúvida o motivo que me leva a dirigir-lhe esta carta. Receio que não tenha recebido a do nosso Fundador. Ele esperava uma resposta do Senhor Bispo na volta do correio. Sei bem que é Pai, sempre pronto a consolar os filhos. A afeição na qual as más línguas (ou antes as fúrias vindas do inferno) nos quiseram afundar, está no auge. O Pe. Gailhac não pode mais e imagine o que isso representa para mim. Sou sua filha e pode o meu pai sofrer sem que eu sofra mais que ele?

Contudo, Senhor Bispo, estamos plenamente resignados com a vontade de Deus que nos submete a tão rude prova, mas que nos dá também a força e a coragem de a suportar. Algumas palavras de Vossa Excelência Reverendíssima teriam cicatrizado a nossa ferida. Desculpe, Senhor Bispo, o desgosto que lhe vou causar, mas vou dizer-lhe tudo. O senhor Procurador recebeu três cartas infames contra o nosso Pai por ocasião da morte de uma religiosa que, tivemos a infelicidade de perder no espaço de quatro dias. Segundo este breve resumo dos acontecimentos o Senhor Bispo deve compreender a nossa dor e a necessidade que temos do apoio de um Pai. Se, como ousou esperar, tiver a bondade de responder à minha carta, pedia-lhe, Senhor Bispo, que me dirigisse directamente essa resposta porque o nosso Pai ignora que lhe escrevo. Espero-a com uma viva impaciência. Parece-me que ela será para nós um bálsamo salutar e que nos dará novas forças para continuar a suportar a prova enquanto Deus o quiser.

Perdão mil vezes, Senhor Bispo, pela liberdade que tomo de lhe dirigir estas linhas que, não duvidando, serão recebidas com toda a bondade que o caracteriza.

RESPOSTAS DE MONSENHOR THIBAUT

Desta vez a resposta não se fez esperar:

Montpellier, 11 de Outubro de 1855

Minha Senhora e querida filha

Se não respondi ao vosso pai, fiz melhor do que isso. Quando mais tarde eu puder dizer-vos o que fiz, convencer-vos-eis que podeis ter alguém tão dedicado, mas não mais que o vosso Bispo.

Acalmai-vos todas e todos e acreditai que me tendes como defensor e como pai no mais alto grau. A força pertencerá sempre à justiça e ao direito. Já é tempo de se saber em Béziers que a ingratição, quando se expressa em vexames contra um homem que não vive senão para o bem, é mais odiosa do que se pode dizer e deve ser severamente punida. Não fale disto a ninguém, excepto ao seu pai.

A discreção é a alma dos negócios, se não recebeu de mim uma palavra, é porque quis afirmar com toda a verdade, a quem de direito, que não tive qualquer comunicação com ele sobre este assunto. Acredite, querida filha, na minha amiga e respeitosa dedicação.

+ Charles, Bispo de Montpellier

A carta precedente, como vimos, era destinada tanto ao nosso pai, como à nossa mãe, todavia Mons. Thibault quis tranquilizar o nosso pai mais directamente se bem que através do seu secretário, enviando-lhe uma carta pessoal:

Bispo de Montpellier

Montpellier, 12 de Outubro de 1855

Senhor Padre Capelão

O Senhor Bispo encarrega-me de lhe dizer que neste momento já deve saber a causa do seu silêncio através de uma carta que, segundo instru-

ções sua, lhe terá sido comunicada, Sua Excelência Reverendíssima está firme na decisão de não lhe escrever uma única palavra sobre este assunto. Quer que compreenda como ele o ajuda mais agindo deste modo, com medidas de que terá conhecimento mais tarde, do que se se limitasse a trocar correspondência com o senhor.

A intenção de sua Excelência Reverendíssima é de que readquira a calma, que o deixe agir como ele entende e que confie inteiramente nele, ainda que se abstenha de lhe escrever.

Queira aceitar, Padre Gailhac, a certeza da minha respeitosa dedicação.

Bonniol, secretário particular

PROCESSO

Foi, contudo necessário beber o cálice. Citação do Pe. Gailhac diante do Juiz de Instrução, citação do Pe. Gibbal, do doutor Joseph Martel que constatou o óbito e passou a respectiva certidão; deslocar-se à cidade, quando era objecto de olhares malévolos ou de ditos ofensivos e não somente a seu respeito, mas também a respeito dos Padres do Bom Pastor e mesmo da Madre St. Jean.

Como o diz o Sub-Prefeito na sua carta, tudo era de vido, nesta circunstância, como no passado "a numerosa animosidade que existiu em Béziers, mesmo entre o clero, contra o Pe. Gailhac e contra a Directora da Casa do Bom Pastor".

O assunto terminou por improcedência judicial e o Procurador fez uma referênciã elogiosa ao Pe. Gailhac.

RECONHECIMENTO LEGAL DO INSTITUTO

Durante os meses de grande sofrimento, preparava-se uma compensação e prova da nulidade das acusações, mas também pesada de consequências para o futuro: o reconhecimento legal do Instituto. Mais tarde, em 1905, quando das leis da secularização, a Casa Mãe só não foi encerrada porque o Orfanato foi reconhecido como

Estabelecimento de Utilização Pública.

O Prefeito de l'Hérault pede, por escrito, ao Ministro dos Cultos, o reconhecimento legal do Instituto do Sagrado Coração de Maria, no qual o Padre Gailhac é nomeado Fundador e Mons. Thibault apoiou este pedido. O original do reconhecimento do Instituto do Sagrado Coração de Maria está na Casa Generalícia em Roma.

REIVINDICAÇÕES

Decorrem dez anos sem incidentes de vulto, ao que parece. Em 1865, faz-se sentir uma última vaga de reivindicações. Com efeito, Mons. Le Courtier, enviava ao "Rev. Pe. Gailhac, Superior dos Missionários do Bom Pastor, em Béziers, Hérault, uma carta datada de 13 de Outubro de 1865 (selo do correio) dirigida ao Bispo, mas referente ao Pe. Gailhac e à Madre St. Jean Cure Pélisier.

A carta deve ter ficado sem resposta. Poderíamos não lhe ter ligado importância. Mesmo assim, pareceu justo, legítimo e com interesse pôr as coisas em ordem, ao menos para honra do nosso Instituto, honra que nos é querida.

Eis a cópia desta carta de 13 de Outubro de 1865, segundo o selo do correio:

A Monsenhor Le Courtier, Bispo de Montpellier

Jus patiens quia æternum

No seu reinado St. Louis dizia que, se a boa fé fosse banida da terra, deveria ser encontrada na boca dos reis. Nos tempos em que vivemos, sorte idêntica parece caber àquela que os romanos chamavam padroeira do gênero humano. Onde é que a boa fé encontraria asilo? Na cabana do pobre ou no palácio do rico? Não poderia ser senão nos lambris do palácio em que vive Sua Excelência Reverendíssima, no frontispício do qual sobressaem as armas de justiça.

Herdeiro natural dos bens do senhor Cure, marido da senhora Cure, Superiora do Bom Pastor, em Béziers, foi vista com bons olhos a tomada de

posse dos seus bens pela cedência que deles nos tinha feito. Que grito de indignação se levantou quando a senhora Cure, por uma atitude inesperada, trocando o mundo pelo claustro nos despojou destes bens, faltando às promessas feitas. A repercussão desse grito foi tal que deu origem a um escândalo passivo que lançou a perturbação no seio da sociedade. Enumerar os erros da família Cure, em relação aos Martin, seria muito longo, Senhor Bispo, e, para esclarecer a vossa religião seria necessário recorrer a um via contraditória. Posso, contudo, citar-lhe uma testemunha cheia de vida, um homem irrepreensível pela sua integridade e austeridade de costumes, antigo pároco d'Autignac hoje pároco em Corneilhan, o Pe. Fournier. Se este padre do tempo do senhor Cure, que permaneceu entre nós perto de vinte anos, onde deixou as melhores recordações, quiser falar com toda a franqueza, pode elucidar-vos suficientemente.

Hoje toda a gente está de acordo em dizer que a senhora Cure está arrependida do grande prejuízo que nos causou e, bastaria o conselho de uma pessoa altamente colocada para a levar à restituição. Basta uma palavra do Senhor Bispo e será logo ouvido. Mediante a vossa conciliação podeis ser para nós, nesta circunstância, como Deus. Deus in quo vivimus, movemur et sumus. Restabeleceis o bem estar no seio duma família, reparareis um grande erro e dando prestígio a uma casa religiosa, fareis desaparecer, pela restituição, a sombra deste escândalo passivo que cobre a sua cúpula. Se o caso se resolver em bem, Senhor Bispo, conte com o reconhecimento da minha família no seio da qual se erguerá um altar onde todos os dias arderá o incenso da gratidão, onde na oração comum diríamos: feliz, Senhor Bispo, o seio que vos amamentou e as entranhas que vos trouxeram. Quanto a mim, na minha humildade, cantando o hino do reconhecimento direi como o rei David, fideli carmine: rectus et inclinans nobis hæc otia fecit aut

Francisco nostro Pontifici nostro, gloria laus et honor.

Espero tudo, Excelência Reverendíssima, da vossa paternal bondade e inclinando-me diante de vossa Excelência como diante da vossa equidade.

Considero-me, com o mais profundo respeito, um dos vossos filhos mais dedicados.

Martin Alphonse

Autignac, 13 de Outubro de 1865

RESUMO

Passemos a diante sobre o estilo grandiloquente que faz sorrir e fixemo-nos nas afirmações: "Toda a gente viu com bons olhos a tomada de posse que fizemos, por ocasião da morte do senhor Cure". Ora não existe nenhum documento notarial que mencione esta cedência. Por outro lado, vimos atrás que os esposos Cure-Pélissier, depois de terem casado com separação de bens, tinham redigido cada um nesse mesmo ano, a 28 de Dezembro de 1831, um testamento hológrafo em favor da livre disposição do sobrevivente. (Originais na casa generalícia em Roma).

Enfim, a 28 de Janeiro de 1857, a senhora Cure, imediatamente após o reconhecimento legal do Instituto pelo governo francês, reconhecimento que dava a este Instituto a capacidade jurídica de possuir, redigia um testamento, diante de nós, Henri Adrien Maurice Isidore Prax, notário em Béziers, e, em presença de testemunhas, etc. (Inq. P: 379), a favor da Comunidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, como legatária universal. É muito provável que o signatário da carta de 13 de Outubro de 1865, Martin Alphonse, ignorasse a existência do testamento precedente, registado oito anos atrás, e que a afirmação gratuita "toda a gente está de acordo em dizer que a senhora Cure está arrepentida do grave prejuízo que causou e que bastaria o conselho de uma pessoa altamente colocada para a levar à restituição",

é sem valor.

Tendo-se consagrado ela própria e todos os seus bens aos pobres para a expansão do reino de Deus, não se vê como poderia existir arrependimento. Por outro lado, trata-se da família da sua madrasta e família que vive bem.

MONSENHOR LE COURTIER

Antes de continuar a história do Instituto, eis um esboço das figuras dos dois últimos Bispos que ocuparam a Sede de Montpellier, durante a vida do Pe. Gailhac.

Mons. François Marie Le Courtier, sucedeu a Mons. Thibault, em junho de 1861. De facto, só deu entrada na Diocese, a 15 de Setembro de 1861, tendo sido sagrado pelo Cardeal Morlot em Notre Dame de Paris, a 24 de Agosto do mesmo ano.

Nascido em Paris a 15 de Dezembro de 1790, aluno de St. Sulpice e ordenado a 5 de Janeiro de 1823, passou 25 anos em Paris no ministério sacerdotal, como Arcipreste de Notre Dame. Em 1854, foi nomeado pregador do Império. A 28 de Novembro de 1869, partia para participar no Concílio do Vaticano. Fez parte dos Bispos franceses que julgavam inoportuna a definição da infalibilidade do Papa. Aderiu, quando ela foi proclamada. O facto precedente e outras dificuldades que encontrou na administração da sua Diocese, um inquérito da Santa Sé, requerido pelo Governo Francês levou-o, para bem da paz, a pedir a sua demissão em Abril de 1873. Foi transferido para o bispado de Sébaste e nomeado membro do Capítulo de St. Denis. Viveu em Paris, consagrando-se à pregação. Faleceu a 20 de Agosto de 1885.

Umhas quarenta cartas, nestes doze anos, trocadas reciprocamente entre Mons. Le Courtier ou os seus colaboradores e o Pe. Gailhac testemunham a confiança que o Bispo tinha no nosso Fundador. Entretanto, uma vez mais se verifica a submissão do Pe. Gailhac aos desejos ou ordens do seu Ordinário.

MONSENHOR DE CABRIÈRES

Durante a vida do Pe Gailhac, um 4º Bispo ocupou a Sede de Montpellier.

A 25 de Março de 1874, François Marie Anatole de Rovérié de Cabrières deu entrada em Montpellier, tendo recebido das mãos de Mons. Plantier a sagração episcopal, em 19 de Março, na Catedral de Nimes. A 17 de Novembro de 1911 foi nomeado Cardeal Presbítero. Faleceu a 21 de Dezembro de 1921, depois de quarenta anos de Episcopado.

Apenas uma observação: a partir de 1874, na correspondência trocada entre o Bispo e o Pe. Gailhac não há mais qualquer referência aos Padres do Bom Pastor. Exceptuando isto as relações do Pe. Gailhac com Mons. de Cambrières foram normais.

ÚLTIMOS ANOS DA MADRE ST. JEAN

Voltemos um pouco atrás à história do nosso Instituto e particularmente à Madre St. Jean. Ao dom de si mesma, ao trabalho, aos sofrimentos vindos do exterior veio juntar-se uma doença de fígado. Foram precisos quase dez anos de sofrimento para acabar de realizar o plano de Deus sobre ela. Na esperança de impedir o avanço da doença, os médicos prescreveram tratamentos em Vichy. Sô a obediência ao médico e ao Pe. Gailhac fez com que se decidisse a deixar a sua casa e as suas religiosas que ela confiava ao Sagrado Coração de Maria. Por outro lado, o seu regresso era assinalado por dias de alegria que traziam um "acrêscimo de fidelidade a esta família abençoada".

Pormenor autêntico: a 25 de Junho de 1862, a Madre St. Jean estava certamente em Vichy porque uma carta do Pe. Gailhac nesta data anuncia a sua chegada para 29. Dois anos mais tarde, em 1864, e durante cinco anos a Madre St. Jean verá o seu tratamento reduzir-se a medicamentos e leite frio. Entretanto a Comunidade fez um voto: o Pe. Gailhac foi com a Madre St. Jean acompanhada de duas das suas religiosas (o nome destas religiosas não foi conservado) ao santuário de Nossa

Senhora de La Salette. A esta confiança correponderam algumas melhoras. A Madre St. Jean colocou uma estátua de Nossa Senhora de La Salette na sua cela. Estabeleceu na Comunidade a Associação da Guarda de Honra e a cozinha reparadora. Quanto a ela mantinha-se nas mãos de Deus. Ajudada pelas suas assistentes, continuou a ver a alma da casa.

Em 1868, as crises tornaram-se mais frequentes, mais demoradas e mais dolorosas. Ofereceu os seus sofrimentos, particularmente pelo Santo Padre. Mandou uma generosa oferta para a obra de S. Pedro Apóstolo. Em troca, recebeu uma bênção Apostólica para ela e para toda a Comunidade.

ÚLTIMOS MESES E ÚLTIMOS DIAS

A 27 de Dezembro, festa dos dois Fundadores, apesar dos seus sofrimentos, quis precorrer toda a casa ornamentada como nos dias de festa.

A 2 de Fevereiro de 1869, dia do seu aniversário ela sorri ainda às felicitações

A 24 de Fevereiro, vinte anos após a sua entrada, foi-lhe preciso uma energia sobrehumana para participar na Eucaristia e oferecer-se em união com o Senhor, oferta bem vivida. Seguiram-se trinta horas de atrozes sofrimentos. Depois, o seu estado permaneceu estacionário até 2 de Março, data em que se deu uma quebra brusca.

Sem podermos precisar a data foi provavelmente nestes últimos dias que seu irmão Napoléon Pélissier pediu para tornar a ver a irmã. Ele próprio faleceu neste mesmo mês de Março de 1869.

Foi então que a Madre St. Jean disse ao Pe. Gailhac: " Meu pai, eu não pensava deixá-lo tão cedo, mas Deus assim quer. Que a sua vontade se faça".

A 3 de Março, o seu estado foi considerado desesperado. Uma a uma, as religiosas aproximam-se do seu leito, recolhendo preciosamente as suas últimas palavras. Ela abenço-as.

O Pe. Gailhac administra-lhe o sacramento dos dentes. Ela responde às orações, depois comunga e permanen-

ce em silêncio durante bastante tempo...

A 4 de Março, renova a absolvição, dá-lhe a indulgência "in articulo mortis". Muito lúcida a Madre St. Jean conforta os seus: " Meu pai, coragem, Deus está consigo. Ele saberá mitigar os seus sofrimentos. Sim, as nossas obras vão prosperar.

E, como as irmãs chorassem, ela acrescenta numa branda censura: "O quê, deveriam dar-me coragem e sou eu que me vejo obrigada a consolá-las? "

Davam cinco horas no relógio. Recolheu-se para oferecer a sua hora de guarda e entrou em agonia. Por volta das dezoito horas adormeceu pacificamente no Senhor.

No dia seguinte o seu corpo foi exposto na capela e muitos foram os pobres que vieram rezar por aquela que tinha sido uma verdadeira mãe para eles. Medalhas, terços, depois de terem sido tocados no seu corpo eram levados como relíquias.

A 6 de Março foi o funeral. O corpo foi primeiro enterrado no parque do Convento; em seguida no jazigo da capela redonda. Finalmente repousa na cripta da actual capela, após a ampliação desta, em 1949.

RESUMO

As grandes linhas deste começo do Instituto (1849-1869) puseram em evidência os designios de Deus sobre Marie Apollonie Pelissier.

Trinta e três cartas dirigidas ao Pe. Gailhac (1849-1850) escaparam à destruição e foram encontradas entre a papelada do nosso Fundador. Cartas preciosas escritas ao correr da pena, espontâneas e unicamente destinadas ao seu director espiritual. Esta correspondência é valiosa para nos dar um conhecimento íntimo da nossa Fundadora. Outro testemunho, o do Pe. Gailhac, ao escrever-lhe: "não me enganei, é aquela que há tantos anos (14 anos) eu pedia a Deus". (1834 + 14 = 1848) Esta constatação pesa, porque vinda deste sacerdote a quem sensuraram exigir demasiada perfeição à suas colaboradoras. Um outro testemunho, este oral sempre do mesmo, acentua a rectidão da nossa Madre fundadora. Falando às orfãs, o Pe.

Gailhac dizia-lhes um dia: " Eis uma pessoa que nunca mentiu." Acrescentemos ainda a estima da Madre St. Croix Vidal, que redigiu um pequeno livro de memórias sobre a Madre St Jean, a da Madre St. Félix Maynard e o de toda a afeição das irmãs e crianças. Afeição que a sensibilizou ao ponto de a emocionar, encontrando nela mais do que o cêntuplo, pelos bens dados. A esses bens juntava-se o dom de si própria.

Logo após a morte do marido, e apesar do seu desgosto, sente-se chamada a maior desprendimento. Interroga-se de onde lhe vem este apelo, esta graça diz ela, e alguns dias depois, atribue-a à intercessão do marido. Confessa que não teria resistido à dor desta separação se Deus a não tivesse chamado a uma tão sublime vocação". Inteligentemente justificava o seu pedido: "sabéis quanto me era querido o Bom Pastor, antes de nele entrar definitivamente."

Grande força de vontade também, escreverá: " A vocação que abracei com tanta coragem", recta como era, reconhece-o, mas acrescenta: "Deus escolheu-me de preferência a tantas outras mais comprometidas do que eu.

Enérgica, exige tudo de si mesma, não poupa nenhum esforço, escreve ela: " Para cumprir a Regra que nos propusestes." Pelos seus actos mostra que "não existe nada de difícil quando se faz por Deus". Todas as provações a prenderão mais à Obra do Bom Pastor; " só a morte me poderá separar dela".

Este carácter tão recto sofria fortemente com a falta de lealdade, com os ataques, as calúnias, tem dificuldade em compreendê-las.

Não diríamos tudo se não falássemos também na sua bondade, na ternura, no dom de si mesma, em suma tudo o que caracteriza o sentido maternal. Onde o Pe. Gailhac agia com força, a Madre St. Jean parece, suavizava, abrangava. Era a Mãe.

Enfim, as suas cartas mostram que ela hauria a sua força na oração, no recurso constante a Maria; nas consolações sentidas nas comunhões quotidianas; no pensamento das recompensas inconcebíveis preparadas para aqueles que eram fiéis; na alegria íntima superabundante, que enchia a sua alma; na fé e certeza de cumprir a vontade

de Deus.

Segundo o testemunho da Madre St. Félix o grupo da primeira geração "todas as antigas que viveram no tempo da nossa mãe conservaram a recordação desta dolorosa prova, o seu falecimento. Sentiram sempre a sua falta.

A Madre St. Jean teve uma última consolação, a de ver a aurora da expansão do Instituto. Em 1869 preparava-se a fundação de Belfast.

A MADRE ST. CROIX VIDAL

SEGUNDA SUPERIORA GERAL

A Madre St. Croix Vidal foi eleita Superiora Geral a 1 de Maio de 1869, nomeação confirmada a 8 do mesmo mês por Mons. Le Courtier.

Durante o generalato da Madre St. Croix abriram-se em 1870, as primeiras casas em Lisburn, perto de Belfast; no Porto, em 1871; um ano depois, em Liverpool; em Março de 1887, em Braga e, neste mesmo ano, em Sag-harbor, perto Brooklim, subúrbio de New-York.

Uma correspondência bastante abundante da Madre St. Croix com as religiosas enviadas para as fundações, mostra a sua maternal solicitude. Por seu lado, as cartas do nosso Fundador permitem-nos aperceber-nos da espiritual atenção com que ele seguia as suas filhas, verdadeiras missionárias, segundo ele.

É no generalato da Madre St. Croix que Pio IX concede um primeiro "Decretum Laudis" ao nosso Instituto, datado de 16 de Setembro de 1873. Sob o pontificado de León XII, um segundo decreto com a data de 10 de Julho de 1880. Finalmente, em 24 de fevereiro de 1889 será a aprovação das Constituições do Instituto.

A 4 de Setembro de 1878, Deus chamava a si, depois de uma vida de total dedicação, a Madre St. Croix Vidal.

MADRE ST. FÉLIX MAYMARD

TERCEIRA SUPERIORA GERAL

Eis a cópia da eleição da Madre St. Félix com o título de Superiora Geral:

"No ano de 1878 e no vigésimo nono dia do mês de Dezembro, na capela interior do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, teve lugar a eleição da terceira Superiora Geral. A cerimônia foi presidida pelo Senhor Bispo, Mons. de Cabrières e pelo nosso Fundador com as Assistentes".

A Madre St. Félix foi eleita por unanimidade de votos. Terminou a cerimônia com o canto do Te Deum e a bênção do Santíssimo Sacramento, dada pelo Senhor Bispo.

E para prova lavramos a presente acta que foi assinada por nós, Superiora e Fundador do dito Instituto, pelo Senhor Bispo, pelas Assistentes e pelas religiosas vogais da Casa Mãe.

+François Marie Anatole, Bispo de
Montpellier e de Béziers

Bougette, Capelão; Flottes, Padre do Bom Pastor; J. Redier, Cônego e secretário do Bispo; Ste Félicité Ste Elisabeth, St. Léon, Ir. Cyrile, St. Grégoire, St. Paul, St. Félix (Arq. Hist. Tomo II A p. 46 Casa Generalícia)

ÚLTIMOS ANOS DO PADRE GAILHAC

Voltemos ao nosso Padre Fundador. Estamos em 1874 e Mons. de Cabrières está em Béziers a almoçar no Bom Pastor. "- É verdade Padre, que terá dito que viverá ainda quinze anos?" O Pe. Gailhac tinha então setenta e dois. Sem o afirmar positivamente, respondeu: "- Senhor Bispo, é possível que o tenha dito." De facto, desta vez ainda, se verificou que a intuição se adiantou à razão (72+15=87). O Padre Gailhac gozava ainda de uma boa saúde. Eis como o Padre Maynard na sua biografia, no-lo descreve neste momento: o rosto era cheio, fresco e corado, o olhar penetrante e vendo bem ao longe, o andar firme e rápido. Nada no exterior denunciava um ancião de setenta e dois anos, mostrava-se mim, um homem na força da idade. As suas faculdades intelectuais não estavam menos bem conservadas que os

seus sentidos. O espírito mantinha toda a sua lucidez; a memória toda a sua fidelidade; a vontade toda a sua energia, enfim o coração todo o seu ardor por Deus e pela salvação das almas. Parecer exacto de uma testemunha ocular, o Pe. Maynard que entrou no Bom Pastor, em 1874.

A exactidão perfeita em observar o regulamento que a si mesmo se tinha imposto e que deu aos seus padres: levantar às quatro horas da manhã e, nos seus últimos anos, às três horas. O Pe. Jean Léonard, abade de Fontfroide escreveu-lhe: "Penso que é urgente ter mais uma hora de repouso de manhã (1 de Novembro de 1885)" Era o primeiro no oratório do Bom Pastor para a oração, meditação e horas menores.

Às cinco da manhã, estava na capela do convento do Sagrado Coração de Maria para confessar as religiosas e as pessoas de fora. Uma delas fez-lhe notar um dia: "se o Padre está no confessionário às cinco horas, eu estou na cama..." Depois da Eucaristia, fazia como quando era novo: estudo, as confissões e a direcção das pessoas das aldeias que o vinham procurar. De tarde, às quatro horas estava no confessionário da capela do Bom Pastor para as pessoas da cidade. Como confessor extratraordinário das carmelitas de Bédarieux e superior das Clarissas de Béziers, sentia-se na obrigação de lhes fazer conferências, pregar retiros anuais, sermões de tomada de hábito ou de profissão cujos planos estão nos nossos arquivos; sem esquecer as conferências que nos fazia a nós, suas religiosas, a formação religiosa das alunas do Internato ou do Orfanato, uma dezena de meses de Maria... Acrescentemos a volumosa correspondência com as religiosas em missão (pelo menos trezentas cartas), a redacção dos nossos pequenos tratados, as viagens ao estrangeiro...

BODAS DE OURO

Em 1876 as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e, poder-se-ia mesmo dizer, toda a cidade de Béziers festejara o Pe. Gailhac por ocasião das suas Bodas de Ouro.

Preparou-se para o seu jubileu com três dias de retiro, numa abadia cisterciense, perto de Narbonne, em

Fontfroide sob a direcção do abade Dom Jean Léonard. possuímos dois relatos quase iguais destas festas, um do Pe. Maynard e outro da Madre St. Félix, presentes nesse dia.

Seria difícil dizer o respeito, veneração e amor de que foi alvo, neste dia por parte das filhas que tão dolorosamente concebera em Jesus Cristo.

Por falta de espaço na capela, a cerimônia realizou-se no pátio do Internato.

Estavam presentes o Bispo De Cabrières, Paulinier, Bispo de Besançon, de Las Cases, antigo Bispo de Constantine e numeroso clero: Houve cânticos e música militar 179 regimento: Os sinos do Bom Pastor e da igreja de St. Aphrodise acompanharam o cortejo que saiu do Bom Pastor em direcção à nossa casa. O Pe. Gailhac recebeu um magnífico paramento sacerdotal, existente ainda na Casa Mãe e um lindo cálice. É escusado dizer que celebrou a missa jubilar muito comovido.

O PADRE LEONARD, ABADE CISTERCIENSE

O Pe. Jean, abade de Fontfroide, não pôde, embora o desejasse, participar nas festas jubilares.

Parece que este padre e o nosso Fundador se encontraram um dia no comboio. Conheciam-se apenas de nome mas, logo que se encontraram, nasceu uma simpatia mútua. O Pe. Gailhac escolheu-o para seu confessor e director. Ia muitas vezes a Fontfroide, quer para sua orientação pessoal, como também da Comunidade. Não empreendia nada de importante sem a sua opinião, que considerava como vinda de Deus. Mostrava-lhe o que escrevia. Foi, graças ao seu estímulo e aprovação, que o Pe. Gailhac redigiu os nossos dois pequenos Tratados.

Em 8 de Abril de 1881, fazendo alusão a Dom Marie-Jean, escrevia o Pe. Gailhac: É para a glória de Deus e guiado pelo Espírito Santo, assim o penso e para obedecer a um santo que venero e me repete sem cessar: "escreva, escreva o mais que puder, o bem do Instituto o requer", que escrevo estas linhas (Vida Religiosa, Tomo I, p, 239)

Encontram-se nos Arquivos da Casa Generalícia, al

gumas cartas do abade Jean de Fontfroide em resposta às do Pe. Gailhac, de que nos foi pedida uma cópia rigorosa, quando da abertura do processo diocesano da sua beatificação.

É bom salientar que sô a partir dos setenta anos, o nosso Fundador escreveu cartas às religiosas e os dois Pequenos Tratados. Foi também sô a partir dessa idade que empreendeu viagens ao estrangeiro, Inglaterra e Portugal e isto até 1888. Segundo a Madre St. Félix, que o acompanhou, as últimas fê-las com muita dificuldade, mas sentia uma grande alegria ao constatar o bem realizado pelas suas religiosas.

ROMA

Fêz duas viagens a Roma. A primeira em 1873, no pontificado de Pio IX, para pedir a aprovação do Instituto. A segunda a 12 de Dezembro de 1882 acompanhado da Madre St. Félix para agradecer o "breve" concedido. É por ocasião desta audiência que o Papa Leão XIII lhe diz: "É novo ainda. - Santíssimo Padre, respondeu, completei oitenta durante esta viagem. - Deve sentir-se feliz por Deus o ter escolhido para fazer nascer na Igreja uma nova família religiosa. Forme-a bem e ensine-a a imitar as virtudes de Jesus Cristo. O Pe. Gailhac respondeu-lhe: - Santo Padre, nisso tenho trabalhado toda a minha vida".

Parece que ao pensar nas palavras do Soberano Pontífice, o nosso Fundador terá recordado o que lhe disse o seu director, o Pe. Martin, pároco de St. Aphrodise, no dia em que lhe comunicou a decisão de se fazer padre. Abraçando-o diz-lhe: "Meu filho, agradeço a Deus a determinação que acaba de me confiar. Seja fiel para que a coroa que lhe está destinada não passe para outro."

ÚLTIMAS PROVAÇÕES E MORTE

Os últimos anos do nosso Fundador vão ser assinados pelas leis de 1880, sobre o ensino: As de 1881, expulsão das ordens religiosas masculinas e daí talvez os Padres do Bom Pastor, estendendo-se possivelmente às

congregações femininas.

A coincidência do aumento de impostos em 1881 com a destruição das vinhas de Bayssan, pelo mildio que atingiu todo o sul do país, reduziu os rendimentos da Casa Mãe que lhe permitia enviar subsídios para as Fundações no estrangeiro.

Nesta conjuntura o nosso Fundador confiou em Deus cuja protecção tinha sempre tão visível na sua vida. Enforçou-se por afervorar as religiosas, exortou-as a uma maior exactidão na observância da Regra, rezou por elas, assegurando-lhes que Deus não permitiria que se dispersassem se fossem todas de Deus. (Pe. Maynard que viveu nestes tempos).

Em 1880 e mais tarde 1887, o Pe. Gailhac escrevia: "Há épocas em que é preciso dobrar de fervor para escapar a um perigo eminente. Ora, nunca o Instituto foi tão ameaçado por um perigo tão grande e eminente".

Agora, à distância, (1971) confirma-se a intuição do fundador relativamente a acontecimentos futuros: virão as leis da secularização de 1905, as guerras de 1914-18 e de 1939-45 e as consequências desta última, mesmo em Béziers.

Chegamos agora, aos últimos anos do nosso Fundador. Escrevia a 4 de Junho de 1877: "A idade faz-se mentir e o peso dos anos começa a dizer-me que não somos eternos neste mundo. Estamos no exílio, é preciso pensar seriamente na Pátria. O Inverno mexeu um pouco comigo traíram-me as forças e depois de um trabalho um pouco seguido tudo em mim diz: para senão cais. Quando o corpo já não aguenta, servimo-nos do espírito e do coração para nos fixarmos em Deus e fazer-lhe antecipadamente o sacrifício de tudo o que deve morrer.

"Sacrifício de tudo o que deve morrer..." Primeiro a vista tão enfraquecida que um rescrito de 23 de Julho de 1886 (Proc. Apos. 3347-3349) autoriza o Pe. Gailhac a substituir o ofício pela recitação do rosário. Depois o ouvido e por isso as confissões na sacristia. Foi apenas um ano antes da sua morte que ele foi substituído pelo Cônego Razimbaud, nomeado por Mons. de Cabrières, responsável pelas confissões e conferências da Comunidade.

"No dia 13 de Novembro de 1889, dia do seu aniversário, escreve a Madre St. Félix: o nosso bom pai celebrou com bastante dificuldade a sua última missa depois da qual confessou algumas pessoas."

CARTA CIRCULAR

DE 25 DE FEVEREIRO DE 1890

Terminamos dando o texto da carta circular de 25 de Fevereiro de 1890, dirigida pela Superiora Geral, Madre St. Félix às diferentes casas do Instituto por ocasião da morte do nosso venerando Padre Fundador.

Minhas muito queridas filhas

O meu coração sente a necessidade de agradecer a simpatia verdadeiramente filial que tão solícitamente quisestes testemunhar-me neste momento, tão doloroso, que acaba de nos mergulhar no luto e privar o nosso querido pequeno Instituto do seu Venerando Fundador e Pai.

A minha aflicção é a vossa, bem o sinto. Esta perda é-nos comum. Mas soubestes compreender a imensidade do meu isolamento e a responsabilidade enorme que pesa sobre os meus fracos ombros. Aliviarme-eis dum e diminuireis a outra. A vossa afectuosa dedicação dá-me a certeza disso.

De toda a parte, nesta ocasião, me chega a vossa resolução franca e generosa, de caminhar corajosamente e com um ardor sempre maior nos santos caminhos da perfeição, que o nosso querido e chorado Pai nos traçou e onde com um zelo infatigável, durante longo tempo, se esforçou por nos fazer entrar. Esta determinação digo, minhas queridas filhas, é para mim um bálsamo precioso.

Obrigada a todas pelas condolências enviadas. Que o Senhor abençoe as nossas resoluções porque convosco estou sinceramente determinada a pôr fielmente em prática todos os avisos e conselhos do nosso Venerando Fundador e a não recuar diante de

nenhum sacrifício para o bem do querido Instituto, como para o bem e a perfeição de cada um dos seus membros.

Devo-vos, queridas filhas, os pormenores dos últimos dias do nosso santo e chorado Pai e vejo-vos impacientes por conhecê-los. Vou, pois, tentar cumprir o melhor que puder este dever sagrado e satisfazer assim o vosso coração e o meu.

Como seriam edificantes esses pormenores, se eu fosse capaz de vo-los transmitir tal como os vi e como eles estarão para sempre presentes no meu espírito. Não poder eu, fielmente, reproduzi-los para o estímulo e consolação de todas. Um dia, espero, ser-me-á dado falar-vos deles de viva voz, dado que, por carta, só muito imperfeitamente e de uma forma breve isso me é possível. Nessa expectativa, ficareis contentes por saber que a morte do nosso querido Pai foi verdadeiramente a morte do justo e que adormeceu pacificamente no Senhor.

Desde domingo passado, 19 de Janeiro, começamos a aperceber-nos que o nosso querido Pai ia enfraquecendo cada vez mais. Quase não se alimentava e, de vez em quando dizia que se sentia mal. Todavia, os médicos não notavam no seu estado nada de alarmante. Mas ele persistia em dizer-nos que nos iria deixar em breve e que, em todas as coisas, não desejava senão o inteiro cumprimento da vontade de Deus. Depois, quanto a nós, animava-nos a sermos inteiramente de Deus, a cumprir bem as nossas regras e a viver sempre como boas e santas religiosas. Quanto a ele, fazia frequentemente, com um fervor admirável, actos de amor de Deus e sobretudo de desejo ardente de Lhe estar unido, de O amar, de O possuir durante a eternidade. Noutras ocasiões, eram actos de inteira resignação à vontade de Deus, pedia perdão e misericórdia, mostrava-se disposto a tudo sofrer neste mundo, afim de obter a inteira posse de Deus que tanto quis amar sempre.

Terça-feira à tarde, por volta das seis horas,

o nosso Pai sentiu-se pior e foi com custo, dado o seu enfraquecimento geral que conseguimos deitá-lo. Não se levantou mais. Chamou-se o seu confessor, e, depois de este ter conversado com ele alguns instantes, o senhor Arcipreste trouxe-lhe o Sagrado Viático que ele recebeu com fé e a piedade habituais. Estava calmo, mas não podia repousar. Na manhã seguinte como estava mais prostrado administraram-lhe a Santa Unção e deram-lhe a indulgência plenária.

Desde a véspera devorava-o uma febre ardente e ele queimava. Sobreveio em seguida o soluço, triste sinal. A língua embarçava-se-lhe muito e com custo o compreendíamos, mas ele a nós compreendia-nos bem e até melhor do que antes.

Parecia gozar de uma grande calma e da mais perfeita tranquilidade. Não manifestava a menor inquietação ou apreensão. Vi-mo-lo frequentemente rezar e, até ao último suspiro, o movimento contínuo dos seus lábios levava-nos a pensar que ele se unia às orações de que gostava, e que, segundo recomendações que ele me fez anteriormente, eu não deixei de lhas repetir com frequência.

Entre as últimas palavras que articulou com dificuldade, eu pude perceber: "a Sagrada Comunhão!" Na sua prostração, esqueceu de certo que já lhe tinham trazido o Sagrado Viático e ele pedia-o de novo. Quando eu lhe respondi: "meu Pai já recebeu todos os socorros e todas as consolações da nossa Santa Madre Igreja..." Ele esboçou um sorriso de felicidade e conservou-se tranquilo.

Na quinta-feira à tarde, quando o soluço acalmou um pouco eu disse-lhe: "meu Pai, vouldizer-lhe uma coisa que lhe dará gosto. Acabam de chegar duas bençãos preciosas". Ele fazia um esforço para ouvir bem e perceber o que eu lhe dizia e respondeu-me: "Como?" Então eu repeti, abrindo diante dele, sobre o seu leito dois telegramas que tinha recebido havia pouco. Um do Bispo de Montpellier e o outro do Vaticano. "Meu Pai, disse-lhe, Monsenhor manda-vos por telegrama as suas mais affectuosas bençãos

e o Santo Padre, a quem tanto quereis, envia-vos também a Sua bênção". Ele abriu os olhos fixando atentamente o que eu lhe mostrava. "Não é verdade, meu Pai, que isto vos dá alegria?" E com um lindo sorriso ele respondeu-me: "Sim..., Sim...!"

Mais tarde, depois de algumas horas de repouso, pois nós evitavamos cansá-lo, disse-lhe ainda: "Meu Pai, não tem uma palavrinha a dizer-me que eu possa transmitir a todo o Instituto"? "Sim", respondeu imediatamente, "a união... a união..., a caridade..., todas..., todas..., sempre".

No dia seguinte, numa ocasião em que ele tentava ver quem estava junto de si, perguntei-lhe: "Meu Pai, o coração não lhe diz quem está aqui?" "Sim, minha filha", respondeu-me com uma expressão de reconhecimento. Veio em seguida o momento doloroso em que não consegui perceber as palavras que ele tentava ainda dizer-me e, compreendendo-o, contentou-se em rezar.

Quinta feira à noite, por volta das nove horas, apercebendo-se que algumas de nós estávamos junto dele, reparámos, de repente, que a sua mão direita se ergueu um pouco a abençoar-nos. Aproveitei imediatamente a ocasião e, pegando-lhe na mão esquerda, disse-lhe: "Meu Pai, se me ouvir, aperte a mão e responda-me apertando-a sempre a cada pergunta que eu lhe fizer. Abençoa-nos a todas, não é verdade?" E ele apertou a minha mão. "Abençoa todas as suas filhas, antigas e novas? Abençoa o Noviciado? Todas as casas? Todas as obras?" E cada vez, por cada pergunta, eu tive, queridas filhas, a consolação de receber o sinal afirmativo e bem nítido.

Mais tarde, durante a noite - sabeis bem que eu não abandonava o querido doente - apercebendo-me que o momento temido avançava a largos passos, deixei-me levar pela sensibilidade. Os meus suspiros mal reprimidos, despertaram o ouvido e o coração do nosso bom Pai e comovido voltou-se imediatamente para mim. Depois, com um doce sorriso, olhou-me como para me consolar e animar. Já

mais esquecerei esse olhar terno e compassivo. Era bem o olhar de um Pai!

No dia seguinte, diversas vezes lhe pedimos que nos desse o gosto de olhar para nós, para aquelas que o cercavamos. Tentou satisfazer o nosso desejo, mas nem sempre conseguiu levantar as pálpebras fechadas depois que perdeu a fala. Sábado de manhã, cerca das duas horas e trinta minutos entrou em agonia, quer dizer, a respiração era mais difícil e tornava-se cada vez mais espaçada. Mas que paz, que calma em todos os seus traços. Às três horas e alguns minutos, o nosso bom Pai adorava no Senhor, sem sofrimento nem contracção e cheio de méritos. Morria, tranquilamente, deixando-nos orfãs. O seu rosto ficou tal e qual como durante a doença, sereno, como o de um bem-aventurado.

Minhas queridas filhas, desejei que todos os membros da nossa pequena família religiosa tivessem tido a consolação suprema, ainda que dolorosa, de contemplar no seu leito de morte, o nosso querido Padre Fundador. Deus quis, e assim tinha que ser, que vós todas, em tão grande número, fosseis privadas desta felicidade que, sem dúvida, invejastes às Irmãs da Casa Mãe. Espero que Deus me conceda o meio de vos oferecer uma pequenina compensação, para o que já tomei as medidas necessárias.

Na minha aflicção, bem legítima, pensei, minhas queridas filhas, em cada uma de vós, em todo o Instituto e no seu futuro. Era meu dever e graças a Deus não faltei.

Dizer-vos tudo o que sofri depois da dolorosa separação, não é fácil. O que se passou em mim, nesse momento, é mesmo impossível dizer-vos-lo por que as palavras são pobres para expressar o que sofri. Depois, quantas emoções, quanta solidão! Ah! como é grande o vazio que deixa entre nós aqui, este bom Pai que partiu para o Céu! Sim, sim, para o Céu. É a convicção de todas as pessoas que quer de perto, quer de longe, conheceram o nosso Pai.

O seu funeral, que se realizou na tarde de domingo foi verdadeiramente um triunfo. A simpatia era geral e o desgosto unânime. Quanta veneração testemunhavam para com este bom Pai que sempre se mostrou um santo Padre! Pediam relíquias, todos queriam tocar qualquer objecto nos seus despojos mortais. As flores que ornamentavam a sua urna, ou mesmo a essa, eram religiosamente arrancadas como lembranças preciosas. Todas estas manifestações nos deram, sem dúvida alegria, mas em nada atenuaram a dor.

Não é verdade, queridas filhas, que temos necessidade de pensar que, do alto do Céu, ele vela por nós, nos protege e nos ama ainda mais do que quando estava entre nós?

Apesar da convicção geral e da de nós todas aqui, bem como a de todo o Instituto de que o nosso Pai goza já da visão de Deus, que ele tão ardentemente desejava possuir para sempre, assim mesmo rezaremos muito pelo repouso eterno da sua alma pois não quereríamos por uma veneração, tal vez antecipada, expor-nos a deixá-lo sofrer no purgatório um só instante. Sei que fareis como nós e durante um longo período continuaremos os nossos múltiplos sufrágios. Aliás o nosso querido Pai tinha-me recomendado: "Rezareis muito por mim, quando eu morrer" e acrescentava: "fareis bem em rezar para que eu não esteja muito tempo privado da visão de Deus". Prometi-lhe que o faria e prometi-o em nome de todas porque estava certa da dedicação que cada uma tinha pelo nosso bom e amado Pai.

Vou dizer-vos o que, em Conselho decidimos. Durante este ano, cada Casa do Instituto deverá mandar celebrar pelo repouso eterno do nosso querido Pai cinquenta missas. Na Casa Mãe mandaremos celebrar mil. Não é verdade, queridas filhas, que é assim que devemos proceder? No próximo ano, se Deus o permitir, faremos o mesmo. Claro, isto, além de todos os outros sufrágios.

A seu tempo, queridas filhas, procurarei dar

a cada uma um pequeno objecto do nosso querido Padre Fundador e que podereis religiosamente conservar como uma lembrança preciosa.

Sempre, queridas filhas, em união de orações e de méritos nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria Imaculada.

Religiosamente afeiçoada em J.C. N.S.

Irma St. Félix Superiora Geral

Casa Mãe do Instituto do Sagrado Coração de Maria
em Béziers

25 de Fevereiro de 1890

